

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Miolo de Pote

Dez anos do blog "Camocim Pote
de Histórias" (2011-2021)





Carlos Augusto Pereira dos Santos

Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Graduado em Estudos Sociais e História pela UVA (1990 e 2015). Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ (2000) e Doutor em História do Norte e Nordeste do Brasil pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE (2008), pós-doutor em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea PACC/UFRJ (2016). Autor de vários livros sobre história local, especialmente nas temáticas do cotidiano, cultura, história do trabalho e trabalhadores. É membro do Coletivo de Historiadores de Camocim.

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Miolo de Pote

Dez anos do blog "Camocim Pote de Histórias" (2011-2021)

Camocim - CE

2021



MIOLO DE POTE: DEZ ANOS DO BLOG "CAMOCIM POTE DE HISTÓRIAS" (2011-2021)

© 2021 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos

Série História Camocinense - Tomo 2 Volume 1

Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoocult.com
sertaoocult@gmail.com
www.editorasertaoocult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico
Marco Antonio Machado

Coordenação do Conselho Editorial
Antonio Jerfson Lins de Freitas

Conselho História

Ana Paula Gomes Bezerra
Andreia Rodrigues de Andrade
Antonio Iramar Miranda Barros
Camila Teixeira Amaral
Cícero João da Costa Filho
Cid Moraes Silveira
Felipe Azevedo Cazetta
Francisco Dênis Melo
Geranilde Costa e Silva
Gilberto Gilvan Souza Oliveira
João Batista Teófilo Silva
Juliana Magalhães Linhares
Maria Aparecida de Sousa
Raimundo Alves de Araújo
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Tito Barros Leal de Pontes Medeiros
Valéria Aparecida Alves
Viviane de Souza Lima

Organizador da Série História Camocinense:
Carlos Augusto P. dos Santos

Revisão

Angélica Feitosa

Diagramação e capa

João Batista Rodrigues Neto

Catálogo

Leolgh Lima da Silva - CRB3/967

S237m Santos, Carlos Augusto Pereira.
Miole de pote: dez anos do blog " Camocim Pote de Histórias"
(2011-2021). / Carlos Augusto Pereira dos Santos. — Sobral,
CE: Sertão Cult, 2021.

148p.
(Série História Camocinense)
Tomo II - v.I

ISBN: 978-85-67960-58-6 – papel
ISBN: 978-85-67960-59-3 - e-book - pdf
Doi: 10.35260/67960593-2021

1. História. 2. Cultura. 3. Blog. 4. Cotidiano. I. Título.

CDD 070
907.2

SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE

Caros alunos, cidadãos camocinenses e leitores em geral.

Dentro do processo de divulgação de nossa história, desde 2017 que o município de Camocim conta com o livro didático HISTORIANDO CAMOCIM, além de outros títulos de caráter paradidático, como: A NOSTALGIA DOS APITOS – A Estrada de Ferro de Sobral. Quarenta anos depois da partida do último trem de Camocim (1977-2017); PINTO MARTINS – Um voo na memória e na história do avião camocinense; e O TERRA E MAR - Roteiros históricos e sentimentais de Camocim na obra de Carlos Cardeal.

Sem dúvida que a adoção e circulação destes livros no campo da história tem dado uma contribuição fundamental para professores e alunos da rede pública de ensino. No entanto, muito ainda sobre nossa história precisa ser pesquisado, publicado e divulgado. Neste sentido, estamos apresentando mais um projeto que busca ampliar e diversificar os temas que contam a história de nosso povo – a SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE, fruto do trabalho de organização do Coletivo de Historiadores de Camocim.

Embora ainda em caráter informal, o grupo de historiadores locais vem se reunindo desde o ano de 2020, imaginando projetos e propondo ações junto a vários parceiros e a administração pública, que dizem respeito à preservação histórica e do ensino de história.

Desta forma, a SÉRIE HISTÓRIA CAMOCINENSE, inicialmente pensada em três tomos, cada tomo com dois volumes, tem como objetivo

primeiro dar vazão a uma demanda reprimida de ótimos trabalhos de pesquisa realizados por historiadores locais. Nesta primeira leva de publicação da série, dois tomos virão a lume, com quatro trabalhos, abaixo discriminados os seus títulos e autores:

Tomo 1 – Eixo: Comunicação e cultura musical.

Vol. 1. “CAMOCIM RESPIRAVA ESSE AR DE MÚSICA”: História e memória dos festivais de música em Camocim-CE (1986-2003). Autores: Francisco da Paz Pessoa (Sílvio Paz) e Carlos Augusto Pereira dos Santos.

Vol. 2. A CANTORIA NAS ONDAS DAS RÁDIOS AM DE CAMOCIM: Relações políticas e culturais (1979-1989). Autora: Maely Alves de Mesquita.

Tomo 2 – História e Imaginário.

Vol. 1. MIOLO DE POTE – Dez anos do blog “Camocim Pote de Histórias” (2011-2021). Autor: Carlos Augusto P. dos Santos

Vol. 2. DEPOIS DA MEIA-NOITE: Experiências extraordinárias em contos, lendas e mitos narram o cotidiano de Camocim-CE (1950-1969). Autor: Edcarlos da Silva Araújo.

Por ora, agradecemos a Prefeitura Municipal de Camocim por possibilitar a publicação destas obras e a sua inserção na rede pública de ensino. E que futuras parcerias possam se concretizar para uma maior divulgação e visibilidade da nossa história.

Camocim, setembro de 2021,
142 anos de emancipação política.

Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador da Série História Camocinense.
Prof. do Curso de História da Universidade
Estadual Vale do Acaraú – UVA.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
------------------------	----------

PRIMEIRA POSTAGEM

A HISTÓRIA É DO CAMOCIM.....	11
------------------------------	----

PESSOAS

CAMOCIM E SEUS TIPOS HUMANOS.....	17
UM FERROVIÁRIO MAIS DO QUE CENTENÁRIO.....	20
DONA FOSCA E PAULA HÉLVIA - PROFESSORAS.....	22
O CASAMENTO DE MURILO AGUIAR E MARIA STELA ROCHA.....	24
O TRAFICANTE E A ESCRAVA.....	27
A ELITE DE CAMOCIM NO INÍCIO DO SÉCULO XX.....	30
À MULHER CAMOCINENSE.....	33
CARNAVAL DE CAMOCIM - AROLDO VIANA, O FOTÓGRAFO FOLIÃO.....	35
LUÍS XIMENES, O PADRE FERROVIÁRIO DE CAMOCIM.....	37
O ATELIÊ DE RAIMUNDO CELA EM CAMOCIM.....	39
PADRE CLÁUDIO.....	42
PINTO MARTINS. O ANIVERSARIANTE DO DIA.....	45
LEMBRANÇAS DE UM OPERÁRIO DA PANAIR - CAMOCIM.....	47
ESCRITORES DE CAMOCIM - FRANCISCO OLIVAR (VAVÁ).....	49
ZÉ DA GUERRA - O PRACINHA CAMOCINENSE NA 2ª GUERRA MUNDIAL.....	51

LUGARES

NOSSOS LUGARES ANTIGOS. CAMOCIM HOTEL.....	53
NOSSOS LUGARES ANTIGOS. BAIUCA.....	55
NOSSOS LUGARES ANTIGOS. SÃO BRÁS.....	57

FAROL DO TRAPIÁ - O FAROL DE CAMOCIM.....	59
O FAROL DO CAMOCIM.....	61
SESI CAMOCIM. UM ESPAÇO DE LAZER E SOCIABILIDADE.....	63
O ANTIGO CENTRO COMERCIAL DE CAMOCIM.....	65
A CASA PALANQUE DE CAMOCIM.....	67
O MINI MUSEU DA ROSINHA DOS BOLOS.....	69
O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE LAGOADAS PEDRAS CAMOCIM.....	71
A FORMAÇÃO ROCHOSA DA LAGOA DAS PEDRAS. CAMOCIM.....	74

HISTÓRIAS

CAMOCIM NOS LIVROS. X. A CIÊNCIA A CAMINHO DA ROÇA.....	77
OSWALDO CRUZ E SUAS IMPRESSÕES SOBRE CAMOCIM.....	80
A VALSA CAMOCINENSE.....	83
AS ÁRVORES DE CAMOCIM. MONGUBEIRAS.....	85
A BANDA LYRA DE CAMOCIM.....	88
CAMOCIM E O ELIXIR DE NOGUEIRA.....	90
CAMOCIM E A TEORIA DA RELATIVIDADE I.....	92
CAMOCIM E A TEORIA DA RELATIVIDADE II.....	94
CAMOCIM E A TEORIA DA RELATIVIDADE III.....	96
OS NOMES DA AVENIDA BEIRA-MAR - CAMOCIM.....	98
A LEI DE CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAMOCIM.....	100
AS CONTAS DE ÁGUA, LUZ E TELEFONE DE CAMOCIM.....	102
O COCO DE PRAIA DE CAMOCIM.....	105
A FESTA DE SÃO PEDRO EM CAMOCIM.....	107
PORTO DE CAMOCIM NA ROTA DA LIBERDADE ESCRAVA.....	110
NOVENTA ANOS DO COMUNISMO EM CAMOCIM.....	113
SABÃO LONDRES. MADE IN CAMOCIM.....	115
O AEROPORTO DA PANAIR EM CAMOCIM.....	117
A PANAIR EM CAMOCIM.....	119
A GREVE DOS FERROVIÁRIOS DE CAMOCIM EM 1914.....	121
A SECA DE 1958 EM CAMOCIM.....	124
O CENTENÁRIO DA MATRIZ DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES.....	127
A EDUCAÇÃO EM CAMOCIM - PRIMEIRA DÉCADA DO SÉC. XX.....	130
CAMOCIM NAS TESES ACADÊMICAS - AS DRAMISTAS DO GURIÚ.....	133
CAMOCIM TERRA DO SAL.....	135

PORTO DE CAMOCIM - A CONSTRUÇÃO DO CAIS.....	137
CAMOCIM E O NOME DO SEU RIO.....	140
O TUBARÃO “MONSTRO” DE CAMOCIM. HISTÓRIA DE PESCADOR?.....	142
TERATOLOGIA ANIMAL - A ABERRAÇÃO DE CAMOCIM.....	145

Introdução

Há dez anos, iniciamos um projeto de popularização e de conhecimento da história local, fazendo uso da internet, colocando no ar o blog “Camocim Pote de Histórias”. Naquele momento, dizíamos na abertura:

Amigos e conterrâneos camocinenses, a gente só dá o que tem. Quando pensamos editar um blog, este foi o pensamento: doar todo nosso esforço na construção de uma ferramenta como esta, para a divulgação pura e simples da nossa história. Contudo, essa é uma oportunidade de todos participarem desta empreitada, seja comentando, sugerindo, corrigindo e, efetivamente, participando desta grande viagem que a História nos proporciona. Que nosso “POTE” nunca encha e sacie a todos!!!

Numa primeira reformulação do *layout* do blog, reafirmamos os objetivos da recuperação histórica a que se propunha, dizendo:

Desta forma, o **Camocim Pote de Histórias** nasceu com essa missão de socializar nosso conhecimento sobre o município que se acumulou com a nossa trajetória acadêmica e se gera, diariamente, com a pesquisa incessante. Neste sentido, várias temáticas foram se desenvolvendo ao longo do tempo, através dos textos postados, criando-se séries históricas - nominadas ou não, como por exemplo, **Setembro**

Camocim, onde empreendemos um esforço maior de postar o maior número de matérias, no intuito de subsidiar os trabalhos escolares que são demandados justamente neste período onde se comemora a nossa emancipação política. Além dessa série, outras se constituíram como: **A Educação em Camocim; Parlamentares de Camocim; Camocim nas páginas dos jornais; Camocim nos Livros; Abril Pinto Martins**, dentre outras.

Deste modo, qualquer informação encontrada num documento ou qualquer foto que chegue às nossas mãos que se refira à Camocim, logo é analisada, contextualizada e postada no blog, com textos curtos ou médios para suprir o desejo de conhecermos nosso passado. Por outro lado, a própria tradição histórica do município elege temas que são recorrentes e aparecem constantemente nas postagens do blog, como o caso da **Estrada de Ferro de Sobral, os ferroviários, a extinção do ramal, o patrimônio ferroviário, as atividades econômicas proporcionadas pela ferrovia e o porto**, dentre outros aspectos pertinentes.

Atualmente, o blog *Camocim Pote de Histórias* já foi visto por mais de 425 mil visitantes e acessado por internautas de mais de 80 países. Nesta década, já fizemos mais de 630 postagens, abordando os mais diversos temas referentes à história do município de Camocim. Por conta da pandemia, não concretizamos uma festa maior que marcasse esta primeira década de existência do blog.

Nesta oportunidade de publicação, possibilitada pela Prefeitura Municipal de Camocim, selecionamos cerca de 60 postagens referentes a PESSOAS, LUGARES e HISTÓRIAS, procurando traçar um pouco de nossa identidade, memória e história.

Camocim, setembro de 2021.

PRIMEIRA POSTAGEM

Quarta-feira, 19 de janeiro de 2011.

A HISTÓRIA É DO CAMOCIM



Figura 1. Esplanada do Porto (Camocim-CE).

Amigos e conterrâneos camocinenses. Há muito queria dispor de uma ferramenta como esta para a divulgação pura e simples da nossa história. Tenho tido, nesta empreitada, poucas portas abertas, muitas fechadas. Por isso, me decidi, por conta e risco próprios, aventurar-me na condução de um blog que traga as pesqui-

sas e as discussões sobre nossa história. Tenho me esforçado em publicar minhas pesquisas, mas não tenho guarida na minha terra e até na minha universidade. Nem tampouco recursos próprios para bancar edições de obras relativas à nossa história. Editar um blog pode ser uma saída. Só espero ter fôlego e tempo necessários para dar conta das demandas.

Contudo, o sucesso deste blog dependerá muito dos amigos, estudantes e internautas que, por acaso, vierem a acessá-lo. Da minha parte, prometo trazer aspectos que possam, de alguma maneira, contribuir para a recuperação da nossa história e do desenvolvimento cultural de nosso município. Sempre tive isso em mente, desde que me decidi pelo caminho e profissão de historiador. Minhas pesquisas mais importantes foram e serão sobre Camocim. Tive a oportunidade de assessorar um projeto editorial para nossa cidade, aprovado pela edilidade e assinado pelo Executivo, mas solenemente esvaziado em sua dotação orçamentária por razões não muito convincentes.

Recentemente, recebi convite do amigo livreiro Francisco Olivar (Vavá) para participar de um projeto parecido, patrocinado pela Prefeitura Municipal. Já aceitei e já deixei minha contribuição com o revisor do projeto, Dr. Raimundo Cavalcante. Eu não tenho preferências partidárias quando o assunto é a cultura e o bem de nossa cidade. Sendo convidado, participo com a maior satisfação. Para iniciar este trabalho, apresento-lhes uma foto rara do Camocim de outrora, (que chegou às minhas mãos pelo estudante do Curso de História da UVA, Paulo José), provavelmente da década de 1940 a 1950, nos brindando com uma panorâmica da antiga **Rua do Comércio**, que já se chamou **Virgílio de Melo Franco**, político udenista, nossa atual **Rua Dr. João Thomé**, em homenagem a um dos engenheiros de nossa Estrada de Ferro de Sobral. O ângulo do fotógrafo é de quem estava recostado à ba-

laustrada que orna a margem esquerda do Rio da Cruz (Coreaú, Camocim), tendo a Igreja Matriz de Bom Jesus dos Navegantes ao fundo e, no primeiro plano, a **Praça Vicente Aguiar, o casarão que foi da Família Sabóia, o Bar do Dedim Trévia e a firma comercial M. Aguiar**, onde o Sr. Hindenburg Aguiar iniciou sua carreira comercial. Homens, mulheres e crianças passeiam pela **Esplanada do Porto**, esperando, quem sabe, parentes e amigos no trem das cinco horas da tarde. Vida longa ao blog e seja sujeito de sua própria história!

10 Comentários:

1. neudson 23 de janeiro de 2011 04:13

Professor Carlos Augusto, parabéns por essa belíssima iniciativa de resgatar nossa história, pois Camocim merece, mas infelizmente não somos valorizados como deveríamos. Só a título de sugestão, quando postar alguma matéria, coloque a data. Professor, não desanime. Infelizmente nosso povo têm fome de comida, cultura não. Quem sabe um dia a ficha cai. Um forte abraço, Prof. Neudson.

2. fme 26 de janeiro de 2011 04:32

Professor Carlos Augusto, parabéns pela iniciativa! Espero que você consiga levar este projeto à frente! A foto me lembra Camocim nos anos 60, sendo que as árvores estavam crescidas, e se não me falha a memória, existia uma pousada (hotel) numa dessas casas do primeiro plano.

Como saudosista vou ficar no aguardo de outras postagens, se possível com fotos da Camocim antiga.

Fco. Souza

3. Karoline David 26 de janeiro de 2011 14:47

Você não imagina a alegria que está me proporcionando com este blog, como professora de história e não filha da terra,

tenho muita dificuldade em ministrar minhas aulas e, poder certeza, será uma ferramenta muito bem usada por mim e acredito que por muitos colegas. Obrigada! Karoline David.

4. Camocim Pote de Histórias 27 de janeiro de 2011 12:56

Pois é galera, essa foto também me trouxe reminiscências como a da espera do trem no fim da tarde. Ainda vi a Fonte Luminosa, jogando seus jatos d'água para o alto, algumas aruanãs, marrecos e garças. Agradeço a todos pela visita. Mais fotos virão!!!!

5. Daniel Cê 15 de fevereiro de 2011 03:46

Estimado Carlos Augusto: Meus parabéns pela iniciativa e espero que você continue este seu belo e importante Trabalho! Morei nesta praça mais ou menos no ano de 1960, em casa vizinha à casa da família Saboia; recordo-me das chegadas dos trens, à noite; lembro-me ainda da Campanha do Jânio Quadros e também da Copa de 1962. Perto do Bar do Dedim creio que existia a pensão da Dona Petronília. Tinha também, vizinho ao antigo Cine João Veras, a Mercearia Serrote, do João Maia. Velhos tempos que não voltam mais... Tudo passa... Eterno, somente Deus, o nosso Criador e Salvador. Daniel

6. Unknown 14 de março de 2011 12:27

Gostei da fotografia!

7. Nagib Nunes 15 de março de 2011 04:10

Prof. Carlos Augusto, sou meio camocinense, pois minha mãe era da terrinha e morei aí de 1966 a 1977. Na minha infância e adolescência vivi entre muitos casarões da foto. Este, à direita, no segundo plano onde observa-se um sobrado, era o armazém do meu padrinho Eduardo. Soube do blog pelo meu irmão Charles. Parabéns pela iniciativa de socializar a História de Camocim. Sou da época do trem das 17h30 e observo que o fotógrafo não fez a foto no final da tarde, haja visto que a sombra dos prédios à direita e dos homens no meio da rua indicam que o sol está no período da manhã. Um abraço!

8. Norma Leine Vasconcelos 13 de maio de 2016 14:35

Sou filha de Camocim, da família Vasconcelos, com muito orgulho. Tenho um amor muito grande por esse lugar. Minha infância foi toda nesse cidade maravilhosa. Fiz um Blog também da família. *familianonatovasconcelos.blogspot.com*, vamos fazer um encontro em Camocim com toda a família.

9. Unknown 26 de outubro de 2019 09:12

Minha vó morava nessa casa vizinha à da esquina. Tive momentos muito felizes nesse lugar

10. Anderson Parente 23 de abril de 2020 13:14

Com certeza, a foto foi tirada durante a manhã, já próximo ao meio dia. Aproveito a oportunidade para agradecer ao Sr. Carlos Augusto pela iniciativa de compartilhar conosco essas raridades.

PESSOAS

Quinta-feira, 16 de janeiro de 2014.

CAMOCIM E SEUS TIPOS HUMANOS



Tinildo.

Foto: Camocimonline.

A obra de **Souza Lima**, “**Adolescência na Selva**”, é pontuada de tipos humanos que habitaram nossa cidade no início do século XX. Sem dúvida, uma cidade não teria suas peculiaridades sem esses

tipos, cuja existência marcam uma época, seja pelo aspecto exótico, pelo inusitado, ou mesmo por, em suas condutas e cotidiano, saírem dos ditos “padrões normais” que a sociedade institui. Nessas trajetórias de vida, muitos deles trazem consigo uma característica que os distinguem dos demais, tornando-os pequenas ilhas humanas, onde a sociedade dita “normal” gravita em torno.

Ou seria o contrário? Se antes, muito deles eram tidos como loucos (comprovadamente ou não pelo saber científico), hoje são tidos como “especiais”. Prefiro dizer que eles são apenas pessoas que, muitas vezes, não por vontades suas, compõem o cenário social da forma como entendem o mundo. Feito este preâmbulo, vou elencar alguns desses tipos que me ocorrem agora, povoadores da minha trajetória de vida e de muitos dos leitores desta coluna. (Os retratados por Souza Lima ficarão para outra oportunidade).

Quem não se lembra do **Deusdete** (ou Deordete, como queiram), balançando sua cabeçorra a pedir esmola de mão estendida, pés descalços, envergando quase sempre a mesma roupa? Aos domingos, quando meu pai me levava à **Pedra** para comprar o almoço, sempre divisava o intrépido carreteiro **Pilombeta** que, mesmo com muitos quilos na cabeça, não dispensava o rebolado característico de homossexual que era e tinha, como se estivesse numa passarela, para a alegria e chacota da molecagem do mercado a gritar palavrões e chistes que, creio, no íntimo, funcionava como uma plateia para o show particular de **Pilombeta**. No seu passo cadenciado e pequeno, o **Catapora**, para mim, era uma figura estranha que perambulava pelas ruas e se escondia nos escombros da então **Estação Ferroviária**. O que fazia? Depois de muito tempo soube que consertava máquinas de escrever. E o **Zé Capado**? Ao juntar o lixo da cidade em seus inúmeros sacos, carregava consigo não somente o mau cheiro característico, como os sintomas da doença conhecida como **Síndrome de Diógenes**.

Outro dia vi o **Lucimar**! No entanto, apesar do tempo e da história que passou mais de um ano sem dormir, a lembrança firme que tenho dele é de um Sancho Pança ao contrário, cavalcando ou tangendo seu jumentinho a vender lenha, carvão, água e a limpar os quintais de outrora. Dizem que era um autêntico pé-de-valsa e isso pude constatar um dia, quando compareci a uma destes forrós da periferia. Quando dei por mim, o Lucimar já tinha tirado minha esposa para dançar. Mais recentemente, nos anos 1990, a visão mais ingênua e bela que vi nos últimos tempos foi quando, ao abrir a minha porta numa manhã ensolarada de verão, me deparei com a ... (como é o nome dela mesmo?) completamente nua a tomar banho no jardim. Ela faz isso regularmente, até hoje, sem constrangimento. E a **Regina**, lá da Boa Esperança, será que ainda lança os seus impropérios e palavrões nas portas dos bancos contra os ladrões do seu dinheiro? Para finalizar, há os tipos que agora sempre estão na mídia. Um virou até título de coluna no Camocim Online. Quando não está pegando seus siris ou os ingressos de cortesias nas festas, **Babau** serve de alter ego para o **Tadeu Nogueira** anunciar os eventos do fim de semana. Pode haver uma pessoa do bem em Camocim como o Babau? E o **Tinildo** (foto)? É outro que, com seu faro canino, fareja à distância tudo quanto é comemoração gastronômica. E a senha? Bença Tinildo! Deufasfelis!

Sexta-feira, 30 de abril de 2021.

UM FERROVIÁRIO MAIS DO QUE CENTENÁRIO



José Ferreira dos Santos aos 102 anos (2016).

Fonte: Camocim Online.

Hoje, **30 de abril**, comemora-se o **Dia do Ferroviário**. Como uma cidade que já foi ferroviária, **Camocim** tem uma grande memória dos «tempos do trem», seja pela íntima relação que a história do município associada à **Estrada de Ferro de Sobral**, seja pelas lembranças dos habitantes que viveram neste tempo e, principalmente, dos ferroviários que trabalharam nesta estrada por quase um século.

Neste sentido, por ocasião da data comemorativa, o nosso dever de sempre é lembrar dos tempos idos que se irmana com a trajetória de vida de um destes guerreiros dos caminhos de ferro - **José Ferreira dos Santos** (1914-2000), mais conhecido entre nós como o Sr. **Zé dos Santos**.

Coincidentemente, hoje, chafurdando nos arquivos em busca de fontes sobre a militância integralista na cidade, deparei-me com

uma nota do ano de 1937 no jornal *A Razão*, publicado em **Fortaleza**, onde o nosso longoferroviário aparece como secretário da **Sociedade Ferroviária de Camocim**, mostrando que ele estava envolvido não somente em desenvolver a contento seu trabalho na ferrovia, mas também antenado com a perspectiva de melhores condições que poderiam advir com o associativismo dos trabalhadores.

Sociedade Ferroviária De Camocim

Camocim, 6 de Janeiro de 1937.
Ilmo. Sr. Redator da «A RAZÃO» Fortaleza.

Levo ao conhecimento desse conceituado órgão da opinião pública, que em Sessão Magna realizada a 1.º do fluente mês, foi empossada a nova administração que há de reger os destinos desta Sociedade no decorrer do biênio 1937—1938, a qual ficou assim composta:

Presidente:—Lamberto de Oliveira Sales; Vice—Presidente:—Manoel Pinheiro da Rocha; Secretário:—José Ferreira dos Santos; 2.º — Luis Gonzaga Viana; Tesoureiro:—José Araújo Tavares; 2.º Tesoureiro:— Francisco Xavier Fontenele; Conselheiros:— Mario Monteiro, João Bezerra, Antonio Araújo, Pedro Lopes Pedrosa, Raimundo Ferreira Campos, João Correia, Antonio Ferreira Sobrinho, Manoel Oscar Rios, Manoel Pereira Filho, José Cavalcante, Raimundo Ferreira Lima e José Amaro Filho; Adjuntos de Conselheiro:— Francisco Saraiva de Sousa, João Ferro, João de Matos, Rosendo da Cruz Filho, Joaquim de Lima, João Veridiano Fontenele, Manoel Artur Alves, Edmilson Fontenele, Osvaldo Jorge de Aragão, Luis Lopes Viana, Ananias Euclides de Sousa e Abdoral Escalante Furtado.

Com estima e distinta consideração:
Cordiais Saudações.

José Ferreira dos Santos.

A nota, assinada pelo secretário, Sr. José Ferreira dos Santos, logicamente se refere à **Associação Beneficente Ferroviária**, que tinha sido fundada em 1932 e, naquele ano de 1937, informava sobre a posse da nova diretoria da associação para o biênio 1937-1938, que ficou assim constituída:

Presidente: Lamberto de Oliveira Sales.

Vice-presidente: Manoel Pinheiro da Rocha

Secretário: José Ferreira dos Santos

2º Secretário: Luis Gonzaga Viana.

Tesoureiro: José Araújo Tavares.

2º Tesoureiro: Francisco Xavier Fontenele.

A todos os ferroviários a nossa homenagem!!!

Fonte: Jornal A Razão. Fortaleza-CE. 1937. Edição 194, p. 05.

Terça-feira, 3 de novembro de 2020.

DONA FOSCA E PAULA HÉLVIA - PROFESSORAS DO CAMOCIM



Escola Brown Boveri, 1963, São Paulo.

Fonte: Fotografia de Hans Gunter Flieg / Acervo Instituto Moreira Salles.

As memórias são excelentes fontes para a história. No mínimo, são rastros que podem nos levar a interessantes caminhos para a história de uma cidade.

É o que acabo de ler no livro **“O mundo que eu vi.blog”** do granjense **Agenor Beviláqua**, editado por ele em 2008. Em suas reminiscências, traz um pouco de sua vida de estudante em Camocim, nas crônicas **“Dona Fosca”** e **“Anos de Mudança”**. Em ambos os escritos, o autor confessa sua paixão de “jovenzinho sempre propenso a se apaixonar por sua professora” (p. 77).

Para o historiador, fica a “deixa” para investigar um pouco mais sobre estas professoras que atuaram na cidade entre as décadas de 1930 a 1940.

Por enquanto, fiquemos com as lembranças de Agenor sobre “Dona Fosca” e **Paula Hélvia Camargo Lima**. Ele dedica um espaço maior para **Dona Fosca Casarotti Farias**, descendente de italiana, “paulista de Santo André” que, na **Revolução de 1930**, apaixonou-se por um soldado, “*natural de Camocim, Hermenegildo Farias, apelidado de Manin, pobre e 9 anos mais velho que ela. Soube que Dona Fosca era filha de pais abastados no ABC paulista e que deixara sua família e sua terra para acompanhá-lo*” (p. 40).

Resta saber o que um camocinense estava fazendo em **São Paulo** para se tornar soldado da Revolução de 1930 e como encontrou uma paulista com ascendência italiana.

Mais de 40 anos depois, Agenor tenta localizar a antiga professora e acabou achando o esposo dela, que lhe deu a informação: “que minha musa falecera, vítima de tifo no dia 02 de abril de **1933**, na cidade de **Massapê**. Ela estava acompanhando o marido em suas andanças a trabalho» (p. 41).

Com relação à Paula Hélvia, Agenor a descreve como “*não tendo a beleza de Fosca, mas era amável e para mim adorável, como fora a outra*”. Numa viagem que fizera a Camocim, em 1938, para tratamento de saúde, reviu a professora e lhe deu um livro de presente, que ele não lembra “*se foi ‘O Bobo’ ou ‘Eurico, o Presbítero’*” de **Alexandre Herculano** (p. 77).

Com suas recordações, Agenor Bevil áqua acabou colocando na histórias mais duas mestras na história da educação de Camocim.

Fonte: BEVILÁQUA, Agenor. O mundo que eu vi.blog. São Paulo, 2008. Fonte: <http://omundoqueeuvi.blog.com>.

Quinta-feira, 14 de maio de 2020.

O CASAMENTO DE MURILO AGUIAR E MARIA STELA ROCHA



Fonte: Livro “Murilo Rocha Aguiar. Amor à política por toda a vida. 1914-2014”

Em 2014, foi lançado um livro comemorativo do primeiro centenário de **Murilo Rocha Aguiar (1914-1985)**, intitulado «Murilo Rocha Aguiar. Amor à política por toda a vida. 1914-2014», no qual é recriado, à moda de biografia, a vida do líder político que, enquanto viveu, se associou e representou o município de **Camocim** na política cearense.

É um relato interessante, embora que, após a leitura do livro, fique-se a sensação de que ele foi escrito apenas para o público familiar, no sentido de marcar o centenário de seu nascimento. A

figura do homem e do político Murilo Aguiar, ao nosso ver, está ainda a merecer uma biografia mais abrangente.

Coincidentemente, hoje, **14 de maio** foi o dia do seu casamento, no distante ano de 1937, quando Murilo Aguiar tinha apenas 23 anos incompletos, desposou **Maria Stela Rocha**, filha do Deputado Estadual **Antônio de Carvalho Rocha** (Tonico Rocha). O referido livro resume o casamento dos jovens nubentes desta forma:

A cerimônia religiosa aconteceu na residência da noiva, celebrada pelo vigário da paróquia, padre Manuel Henrique de Araújo. O casamento civil foi realizado pelo Juiz de Direito da Comarca de Camocim, Renato Silva, tendo como testemunhas os parentes próximos (p. 35).

Este enunciado pode parecer que o “enlace matrimonial” dos dois jovens pertencentes a importantes famílias da política local, ele, neto de ex-prefeito da cidade, ela, filha de um deputado estadual, tenha sido um evento somente para os mais íntimos. No entanto, com um pouco mais de pesquisa, poder-se-ia ter revelado a repercussão nos jornais da capital, como notícia **A Razão**, quatro dias após à realização do casamento:

ENLACE AGUIAR—ROCHA. Realizou-se no dia 14 do corrente, em Camocim, com o comparecimento do que a sociedade camociense tem de mais seleto, o enlace matrimonial do sr. Murilo Aguiar, alto comerciante local, com a Senhorinha Maria Stela Rocha, diletta filha do Deputado Antônio de Carvalho Rocha. Por esse motivo, foi servido em casa dos pais da nubente, um lauto almoço, depois do qual, o feliz casal tomou o avião para Fortaleza de onde se transportará ao Balneário Hotel, em Pirapora, com a idéia de ali gozar a sua Lua de Mel. Os nubentes pertencem a duas tradicionais famílias desta zona, são pessoas altamente relacionadas e gozam da maior estima em nosso meio.

Murilo Aguiar faleceu em 28 de fevereiro de 1985, depois de uma disputa de eleição para a presidência da **Assembleia Legislativa do Estado do Ceará**, dois anos antes de completar Bodas de Ouro de casamento.

Fonte: No Lar e na Sociedade. Jornal “A Razão”. Fortaleza-CE, Ano I, 18 de maio de 1937, nº 290, p. 02.

Fonte: Livro “Murilo Rocha Aguiar. Amor à política por toda a vida. 1914-2014”.

Quarta-feira, 13 de maio de 2020.

O TRAFICANTE E A ESCRAVA



Escravidão no Brasil (Jean Baptiste Debret).

“QUEM É CATHÓLICO NÃO PODE SER ESCRAVOCRATA”

Esta era a máxima da campanha abolicionista nos idos de **1881**, levada a efeito pelo jornal abolicionista cearense «**O Libertador**». Seria como dizer hoje: “Quem é cristão não pode apoiar a tortura, a morte etc.”, embora, hordas de matizes religiosas várias estejam a fazer o contrário, engrossando narrativas fanáticas país afora. Mas vamos ao foco da data de hoje: abolição da escravatura. **A Província do Ceará**, como registra os anais da história, foi a primeira a proclamar a extinção da escravidão, (25/03/1884), cinco antes da data nacional da **Lei Áurea**, 13/05/1888. No entanto, para nossa região, ainda é preciso muita pesquisa para compreendermos como a escravização se deu, por exemplo, nas atividades do nosso porto e na construção da estrada de ferro,

por exemplo. Mais próximo de nós, as fontes apontam para um traficante (ou comerciante) de escravizados: **FIRMINO BEVILÁQUA**, oriundo dos Beviláguas de **Viçosa do Ceará**, provavelmente. Ele tinha uma rede de apoiadores no comércio de escravizados, que também funcionava como ponto de entrega de escravizados fujões em **Teresina-PI** (Sr. Eugênio Marques de Olinda); **Sobral** (Sr. José Firmino Ferreira da Frota); **Granja** (Sr. Antônio Beviláqua, provavelmente seu parente) e **Fortaleza** (Ângelo Beviláqua, idem). Apresentado o mercador de escravizados, quem era a escravizada em questão? O jornal “O Libertador” a expõe através do perfil violento do seu algoz:

UM ANTROPÓPHAGO

Firmino Beviláqua é um nome hoje execrável entre os cearenses. Quando se procura em todo o país exterminar a bárbara lei do domínio ilegal do homem sobre seu semelhante; quando o espirito cearense banha-se no orvalho lúcido do supremo pensamento da Liberdade e da igualdade — esse homem dando largas aos instintos brutos da paixão dos antropófagos, ceva-se na imbecil vítima da escravidão; inflingindo sevícias em uma pobre mulher escrava! Castigando-a barbaramente por um frívolo motivo esse feroz senhor tornou-se possesso, por lhe ter o nosso digno 1º Vice-Presidente observado o escândalo de que foram testemunhas diversas pessoas—e. todo o seu ódio recai sobre a mísera escrava que recebe novo e atroz suplício.

[...] A escrava Margarida é hoje a vítima da vossa ferocidade; mas nós havemos de cumprir o nosso dever, illustre negreiro.

Cinco anos depois do acontecido, vamos encontrar **FIRMINO BEVILÁQUA** sendo noticiado pelo fato de ter sofrido um “horrível desastre que mutilou-o irremediavelmente”.

OBS: Manteve-se a grafia da época.

Fontes: Jornal “O Libertador”, Fortaleza-CE, 1881. anno I, 16 de agosto de 1881, p. 1. Jornal “O Sobralense, 27 de junho de 1875). Jornal “Província de Minas”, 1886. Imagem: Escravidão no Brasil, Jean-Baptiste Debret (1768-1848).

Quarta-feira, 8 de abril de 2020.

A ELITE DE CAMOCIM NO INÍCIO DO SÉCULO XX



Jornal *Folha do Littoral*. Camocim-CE. 1918.

Fonte: Hemeroteca da Biblioteca Nacional.

O termo “elite” hoje possui vários significados. No entanto, seu maior emprego serve para designar uma parte da sociedade de um lugar, uma classe que se sobrepõe a uma outra em vários aspectos. Neste sentido, a elite social sempre foi associada com aquela par-

cela da população que detém os meios de distinção social, política e econômica, enfim, a classe dominante de um determinado lugar.

Para se ter uma ideia de quem era esta “escola” no início do **século XX** em **Camocim**, a matéria jornalística de que trata sobre a morte da jovem **Amélia Veras** traz uma relação de pessoas que faziam parte da dita «sociedade» camocinense na década de 1910, com suas ramificações e descendências, até hoje, percebida no nosso cotidiano social.

Vamos, portanto, à matéria do jornal **Folha do Littoral** de 15 de dezembro de 1918:

Completando a nota que demos referente ao sentido do desenlace da extincta senhorinha, damos abaixo a lista das pessoas que formaram o préstito fúnebre da inesquecível morta:

Dr. Hermes Parahyba, Joaquim Arthur de Carvalho, Antonio de Lima e Silva, João Gualberto Lima, Luiz de Castro, Tobias Navarro, Miguel de Paschoa, Adhemar Leitão, Manuel Ribeiro, Manuel de Saldanha Junior, Diogo José de Souza, Hildebrando Callado, André Pessôa, Tasso Napoleão, Júlio Monteiro, Mario Militão, Custodio Costa, Carlos Tavares, José Felinto Cavalcante, Antonio Luiz de Aguiar, Moysés Rocha, Manuel Dias Macedo, José Cela, João Ramos, Francisco Assis, Manuel Francisco Vianna, Polycarpo Souza, Juvenal Medeiros, José Severiano Morel, Pedro Morel, Francisco Morel, Manuel Nemezio, Brisamar Rocha, Manuel Pinto Filho, José Carneiro Fonseca, Manuel Juarez, Manuel Carneiro, Arthur Carvalho, Joaquim Queiroz, José Lopes Vianna, Chromacio Cabral, José Osvaldo, Bichara Musolem, Francisco Fontenelle, Rodolpho Fonseca, Francisco Magalhães, José Freire de Aguiar, Navegantino Pedreira, Cel. Severiano Carvalho, João Evangelista Souza, Antonio Barros, Carlos Parente, Francisco Marçal, Raymundo Carneiro da Silva, Pio Bandeira, Miguel Marcondes, José Motta, José Gomes do Valle, João Alves Ribeiro, Silva Aguiar, Francisco

Americo, Venâncio Prado, Melchiades Ribeiro, Isidrio Barros, Antonio José de Pinho, Alfredo Coelho, José Perales, Nicacio Pinto, José Ferreira, Horacio Pessôa, Antônio Delmiro da Rocha, José Pinheiro Pessôa, José Coelho, João Veras, Thomaz Zeferino Veras, Hyppolito Navarro [...] e Tobias Navarro.
Senhorinhas: Ayda Perales, Augusta Veras, Julieta Veras, Rosa Coelho, Maria Onisia Araújo, Raymundinha Santos, Mariinha Santos, Maria de Lurdes, Delzuíra Carneiro, Argea Tavares, Olga Bevilaqua, Francisca Vasconcellos, [...] Odilia Carneiro, Alcira Nascimento, Angelita Carvalho, Cotinha Aguiar, Cyra Debora Sampaio, Antonieta Rodrigues, Arica Carneiro, Maria e Iracema Aguiar, Innocencia Mennescal, Judith Araujo, Julia Santos, Alice Rodrigues, Rosa Carneiro e Maria do Prado.

Alguns destes nomes são do nosso conhecimento que nomeiam ruas e prédios de nossa cidade. E você, encontrou seu parente distante nesta lista?

Fonte: Jornal *Folha do Littoral*, Camocim-CE, 15 de dezembro de 1918, p.2.

Domingo, 8 de março de 2020.

À MULHER CAMOCINENSE



Artesã (Camocim, 2019). **Foto:** Wanderson Lima.

A **Mulher** camocinense tem uma bela trajetória nos anais da nossa **História**. Ela esteve presente nos principais momentos históricos do município, como, por exemplo, nos movimentos contra a retirada dos trens de nossa cidade, em **1949-1950**, na chamada **Rebelião da Ferrovia**. Várias mulheres estiveram à frente de associações religiosas, pias e políticas e participam na composição da **Câmara Municipal de Camocim** desde **1959**. Nos anos 1980, a presença de mulheres na administração pública e órgãos dos governos federal, estadual e municipal foi tanta que a **Revista Manchete** nos chamou de “**A Cidade das Mulheres**”. Atualmente, a cidade é governada há mais de sete anos pela prefeita **Mônica Aguiar**.

Mas nem sempre foi assim. Mesmo que no cotidiano a mulher esteja presente em todos os momentos, no plano público, essa

presença foi sendo, aos poucos, conquistada. Nos documentos, poucas são as referências ao sexo feminino, a não ser em determinados setores da vida pública, como na educação escolar ou em determinadas profissões, como as costureiras.

Em **Camocim**, na virada do século XIX para o XX, elas estão circunscritas ao magistério principalmente, como informa o *Almanaque Laemmert* de 1911. Portanto, na **Instrução Pública**, na sala feminina da escola estadual, a professora era D. Heráclea de Sá Callado, nas escolas municipais, a professora do distrito de Barroquinha era D. Maria de Assumpção Neves. Nas escolas particulares mistas eram professoras: D. Francelina de Castro Fialho; D. Urbina Gondim Barbosa; D. Eustachia Aragão e D. Ângela Ferreira Collyer.

No campo da religião, as mulheres despontam nas associações piás como a **Irmandade do Sagrado Coração de Jesus** ou **Apostolado da Oração**, fundada em 1904, cuja presidente era D. Maria José Pessoa Chaves. Na **Obra Pia de Universal de Suffrágios para as Almas do Purgatório**, a presidente era D. Rachel d'Oliveira Praxedes.

No comércio, há apenas o registro da firma **Viúva Thiers & Cia**, representante da firma *Economisadora Paulista em Camocim*.

No setor de profissões, nesta época, Camocim tinha as seguintes **modistas** (como eram chamadas as costureiras de então): D. Eurides de Mello (roupas brancas); D. Ernestina Maia; D. Maria de Sousa Neves; D. Maria Isabel Perales, D. Rosa de Mello Monteiro e D. Luisa Balbino.

No **funcionalismo público federal**, a exceção era a Sra. Rosa da Silva Aguiar, agente dos Correios.

Fonte: Almanaque Laemmert, 1911. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Sexta-feira, 21 de fevereiro de 2020.

CARNAVAL DE CAMOCIM - AROLDO VIANA, O FOTÓGRAFO FOLIÃO



Bloco “Vamos Beber Cachaça” (Anos 1980), Camocim-CE.

Fonte: Acervo Aroldo Viana.

Nos últimos quinze dias, chegaram até nós vários pedidos de pesquisa sobre o carnaval de **Camocim** de décadas passadas. Além de algumas postagens sobre o período momino de décadas do início do século XX, já nos referimos a carnavais mais recentes, especialmente fundamentado nas informações prestadas pelo fotógrafo folião **Aroldo Viana**, que abriu seu arquivo e nos forneceu preciosidades, como a foto acima do Bloco «**Vamos Beber Cachaça**», onde ele aparece no primeiro plano (quinto da esquerda para a direita). A garrafa do estandarte seria de uma “**Caranguejo**” ou de uma **Pitu**, cachaças que fizeram muito sucesso durante a década de 1980, mesma data que figura no estandarte improvisado?



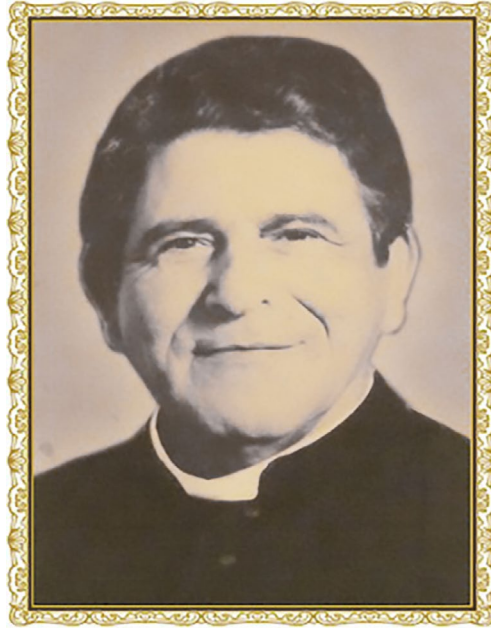
Bloco do Treco (1970), Camocim-CE.

Fonte: Acervo Aroldo Viana.

Na conversa com Aroldo Viana fica patente a sua participação não somente como participante, mas como organizador de blocos carnavalescos em Camocim. O fotógrafo nos disse que chegava a pintar os estandartes e fantasias de blocos como o “Vamos Beber Cachaça e **Bloco do Treco** (foto acima). Por outro lado, como podemos perceber nas duas fotos desta postagem, o seu estúdio, que ficava na **Rua Alcindo Rocha** (hoje onde está instalado a Music Center) que virou também ponto de concentração dos blocos nos quais era integrante. Enfim, são «flashes» do um passado carnavalesco vivido pelo fotógrafo folião Aroldo Viana que não voltam mais.

Sábado, 5 de outubro de 2019.

LUÍS XIMENES, O PADRE FERROVIÁRIO DE CAMOCIM



Monsenhor Luís Ximenes.

Fonte: A Voz de Santa Quitéria.

No quadro “RELIGIOSOS DE CAMOCIM”, já destacamos um pouco da trajetória do **Monsenhor Luís Ximenes**. (Sábado, 1 de dezembro de 2012 e quarta-feira, 30 de abril de 2014). É cognominado o “ÍCONE DA FÉ QUITERIENSE”; nasceu ali na RUA DO EGITO (atual Rua 24 de Maio), entre as ruas General Tibúrcio e Tiradentes, de frente para o pátio de manobras da Estrada de Ferro. Ainda na faculdade, no final dos anos 1980, cheguei a trocar com ele poesias e ele me enviou alguns dos seus livros pelos colegas de Santa Quitéria. Quando fui ver sua casa-museu, ele já não estava entre nós. Reverenciado e tido como santo em Santa Quitéria, em sua terra natal ainda não teve o devido reconhecimento. Ontem, por ocasião de seu aniversário natalício, o blog *A Voz de Santa Quitéria* publicou o seguinte texto:

Monsenhor Luís Ximenes nasceu em Camocim, em 05 de novembro de 1926. Filho de maquinista, desde cedo desenvolveu o seu gosto por trens, fortalecendo uma “alma ferroviária” que, ao longo do tempo, o fez colecionar quase tudo que se referisse ao tema e escrevesse alguns livros tendo os trens como temática. Foi pároco em Santa Quitéria por mais de quatro décadas e, até hoje, é venerado pela comunidade católica. De alma simples e caridosa, o santo de Santa Quitéria partiu no trem da vida eterna logo após celebrar missa em 04 de outubro de 1994, acompanhando São Francisco, deixando muitas saudades, mas permanecendo vivo nos corações quiterienses.

Para homenageá-lo, nós do CAMOCIM POTE DE HISTÓRIAS, transcrevemos um de seus poemas com a temática ferroviária:

Meu ídolo

De tanto ouvir teu clamoroso apito,
de tanto conviver pela estação,
fiquei teu fã e te tornaste um mito,
um ídolo de minha devoção.

De ti, meu velho trem, mesmo proscrito,
eu guardo tão feliz recordação,
que até parece praga do Maldito
te recordar em toda ocasião.

Correndo sobre os trilhos da lembrança,
ainda te vejo como outrora eu via,
o mesmo trem que eu vi quando criança.

Só que o olhar mudou. A vista cansa.
Ontem eu te via à luz de uma esperança,
Hoje eu te vejo à luz da nostalgia.

Fonte: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/peximenes.html>

Fonte: A Voz de Santa Quitéria.

Quarta-feira, 25 de setembro de 2019.

O ATELIÊ DE RAIMUNDO CELA EM CAMOCIM



Casa que abrigou o ateliê de Raimundo Cella (Rua General Tibúrcio, Camocim-CE, 2019)

Fonte: arquivo do blog.

Quem passa pela **Rua General Tibúrcio**, entre as ruas **Santos Dumont** e **24 de Maio**, mal sabe que aqueles casarões já abrigaram a casa e o ateliê do renomado artista plástico cearense **Raimundo Cella**. Nascido em **Sobral** em 19 de julho de 1890, já aos quatro anos de Raimundo, a família se transferiu para **Camocim**, por causa da profissão do pai, o espanhol **José Maria Cella Mosquera**, ele era mecânico e veio trabalhar na estrada de ferro. A mãe era professora sobralense **Maria Carolina Brandão Cella**, que garantiu o ensinamento das primeiras letras ao futuro artista.

Segundo estudiosos da vida e obra de Raimundo Cella, a transferência da família foi duplamente benéfica para todos:

No novo meio, Camocim, no qual Cela passou a viver, no aspecto climático, físico e humano, ambiente onde Cela completaria sua infância e adolescência, diferente do anterior, deve ter tocado a sensibilidade, aberta à vida, de Raimundo Brandão Cela. Em Sobral, o calor era agressivo, o horizonte geologicamente fechado. Em Camocim, o clima ameno e suavizado pela brisa e perfume marinho. [...] As praias bonitas com seus recantos e ilhas, os barcos insinuando viagens longínquas, sonhos, desejos e o porto tentando com seu movimento de chegada e saída dos barcos. O horizonte abria-se pra tudo. O caminho se fazia, se mostrava para todos os lados. Camocim aconteceu na sua vida. (FIRMEZA, Nilo de Brito. (Estrigas). Raimundo Cela. A arte e o tempo. In: *Raimundo Cela*. 1890-1954. Rio de Janeiro: Pinakothkeke, 2004, p. 16-7).



Praia de Camocim, 1933, Raimundo Cela.

Raimundo Cela saiu de Camocim para estudar em **Fortaleza** e, posteriormente, **Rio de Janeiro**, onde se tornou engenheiro geográfico. De lá, vai para a **Europa** em 1920 para aprimorar seus dotes

artísticos na **França e Espanha**. Com problemas de saúde, retorna ao **Brasil** em 1922 e o local mais aprazível para cuidar da sua saúde foi Camocim: *“Preferiu ir para Camocim onde tinha a família perto. Lá, Cela, com a qualificação de engenheiro, assumiu a direção da usina que gerava energia elétrica para a cidade”* (Idem, p. 28).

A tal usina era a **Companhia de Força e Luz de Camocim - CFLC**, que fica na esquina da rua General Tibúrcio com 24 de Maio. Afora os trabalhos da usina, Raimundo Cela dedicou-se à sua obra em seu ateliê que ficava atrás dela. Fora dos meios artísticos, pensaram até que ele tinha morrido. Foi redescoberto por **Otacílio de Azevedo** que esteve em Camocim em 1933 e se maravilhou com o resultado de dez anos de atividade do pintor no município.

Casou-se em Camocim, em 1934, aos 44 anos, com a amazônica **Eunice Medeiros**, de 21. Mudou-se novamente para Fortaleza, em 1938, com a família. Em 1945, muda-se novamente para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer em 1954.

Portanto, quando você estiver comendo espetinhos no **Aurélio**, saiba que, naquele local, este grande nome das artes no Brasil ali viveu na sua infância e adolescência, com certeza brincou naquele quintal, cresceu e pintou boa parte de sua obra.

Fonte: FIRMEZA, Nilo de Brito. (Estrigas). Raimundo Cela. A arte e o tempo. In: *Raimundo Cela*. 1890-1954. Rio de Janeiro: Pinakothke, 2004.

Sábado, 13 de julho de 2019.

PADRE CLÁUDIO



Padre Antônio Cláudio de Oliveira.

Fonte: <https://diocesedetiangua.org>

No começo deste mês, **Padre Cláudio** nos deixou. O menino que nasceu no bairro de **São Francisco** aos **15 de setembro de 1962**, fez a páscoa definitiva em 02 de julho de 2019, bem próximo de completar 30 anos de sacerdócio, o que ocorreria na próxima terça-feira, 16 de julho de 2019.

O filho do Sr. Raimundo Firmino de Oliveira e da Dona Cândida Silva de Oliveira, portanto, ainda não tinha 57 anos completos.

O garoto **Antônio Cláudio de Oliveira** iniciou seus estudos, segundo o Prof. Benedito Genésio, numa

[...] turma de alfabetização em 1967 do SPH confiada à Prof.a MARIA DAS DORES ALEXANDRE (CEMILDA), por indicação da Irmã Áurea, na então igreja de S. Francisco. Posteriormente, foi professor da Escola de Promoção Humana (EPH), um

desdobramento daquela turma de alfabetização, que funcionava no Centro Comunitário S. Francisco.

Iniciado na carreira religiosa, foi ordenado em 16 de julho de 1989. Na missa de corpo presente em Camocim, o Bispo **Dom Edmilson** ressaltou ser ele o último padre remanescente do bispado de **Dom Timóteo**. Nestes quase 30 anos de vida sacerdotal, Pe. Cláudio assumiu as seguintes funções:

Vigário Paroquial da Paróquia Sant'Ana - Sé Catedral - Tianguá/CE, Pároco da Paróquia Nossa Senhora das Graças - Graça/CE, Administrador Paroquial da Paróquia Santa Luzia - Oiticicas/CE, Pároco da Paróquia Bom Jesus dos Navegantes - Camocim/CE, Pároco da Paróquia Santo Antônio - Chaval/CE, Pároco da Paróquia São Pedro - Ibiapina/CE, Assistente Eclesiástico das Equipes de Nossa Senhora, Juiz Auditor na Câmara Eclesiástica da Diocese de Tianguá/CE e atualmente exercia também a função de Administrador da Área Pastoral Nossa Senhora Imaculada Conceição – Inhuçú – São Benedito/CE.



Missa de corpo presente de Padre Cláudio. Igreja de São Francisco (Camocim-CE).

Fonte: arquivo do blog.

Desde março deste ano que Padre Cláudio vinha sendo internado seguidamente No **Hospital do Coração**, em Sobral, com o diagnóstico de insuficiência cardíaca. Com seu falecimento, aconteceu em 03 de julho a missa de corpo presente na Igreja de São Francisco, celebrada por Dom Edmilson, Bispo da **Diocese Tianguá** e todo o clero do bispado, dentre outros companheiros religiosos.

No município de Camocim foram emitidas várias notas de pesar e a **Prefeitura Municipal** decretou três dias de luto oficial (Decreto 0702001/19).

Requiescat in pace!

Segunda-feira, 15 de abril de 2019.

PINTO MARTINS. O ANIVERSARIANTE DO DIA



Inauguração do busto de Pinto Martins. Camocim-CE. 1979. Da esquerda para a direita. Edilson Veras Coelho (Prefeito); Neném Lúcio (Vice-prefeito); Paulo Lustosa (Dep. Federal); Busto de Pinto Martins; Fonseca Coelho (Dep. Estadual).

Fonte: Camocim Online.

Em **setembro de 1979**, era erguido com pompa e circunstância o busto do aviador camocinense **Euclides Pinto Martins**, por ocasião do **I Centenário de Camocim**. Hoje, quarenta anos depois, a figura e o feito de Pinto Martins ainda rendem homenagens, polêmicas e projetos. Hoje, certamente, alunos das escolas públicas e particulares farão redações e desenhos sobre o voo pioneiro de 1822-23, que ligou pioneiristicamente **New York-Rio de Janeiro**. Perto de completar cem anos da aventura, um grupo ligado à aviação vem projetando realizar o mesmo périplo que Pinto Martins e seus colegas americanos realizaram há cem anos atrás.

Por outro lado, leio uma interessante proposta do **IFCE- Campus Camocim** em potencializar essa história de Pinto Martins na criação de cursos técnicos de aviação, abrindo perspectivas de emprego

e renda, tendo o aeroporto Pinto Martins como unidade de apoio, além de trazer para **Camocim** os restos mortais do avião como uma espécie de capital simbólico e futuro local turístico de visitação

De meu turno, acrescentaria ao lado técnico da proposta, que se abrisse condições de se incrementar a pesquisa histórica sobre a vida e obra de Pinto Martins e a sua publicação.

Próximo dia 30 de abril de 2019¹, estarei lançando uma publicação organizada por mim e escrita por meus alunos do **Curso de História da UVA**, onde se destacam fatos do Ceará Republicano referentes aos seus municípios de origem. Neste livro, escrevo um pouco sobre o voo pioneiro de Pinto Martins, que adianto um pouco para os leitores do blog:

A modernidade que vem do ar. O pioneirismo de Pinto

Martins

“As palavras mais repetidas na primeira metade do século XX foram ciência, progresso e modernidade. O desenvolvimento foi espetacular. Transportes, eletrificação e indústrias químicas transformavam a sociedade. [...] Novidades chegavam pelo ar”, assina-la a historiadora Mary Del Priore. Camocim entra na história com a iniciativa do avião Euclides Pinto Martins, nascido nesta cidade em 15 de abril de 1892, e o experiente piloto americano Walter Hinton em realizar um voo entre Nova Iorque e Rio de Janeiro em 1922, no sentido de fazer parte das comemorações do Primeiro Centenário da Independência. O voo partiu de Nova Iorque em 17 de agosto de 1922 e foi muito atribulado, com várias panes e troca de hidroavião, passagem por Camocim e outras cidades, chegando ao Rio de Janeiro somente em 08 de fevereiro de 1923. Contudo, ficava inaugurada a rota aérea Brasil-Estados Unidos. O feito do avião camocinense e de seus colegas americanos foi bastante divulgado pela imprensa da época.

¹ Trata-se do artigo “A história da República passa por aqui! Camocim_CE (1889-1950). In: SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.). *Nossa Gente, Nossa História*. O Ceará Republicano. Sobral-CE: Sertão Cult, p. 273-289.

Sábado, 16 de junho de 2018.

LEMBRANÇAS DE UM OPERÁRIO DA PANAIR - CAMOCIM

As **fontes históricas**, sem dúvida, são o alimento do **historiador**. Por mais diversa e fragmentária que seja, sempre pode ser o início de uma grande **pesquisa histórica**. Já postamos aqui sobre a existência da **PANAIR** em Camocim, sua importância econômica e estratégica para a história da aviação no **Ceará**, através do arquivo e informações nos enviado por **Raimundo Wilson**, filho de **Duarte Moraes**, um dos operários que construíram a estrutura de pouso dos hidroaviões em nossa cidade.



Duarte de Moraes e Geraldo Gomes (Camocim, 1937).

Fonte: arquivo de Raimundo Wilson.

Hoje, reproduziremos duas fotos que mostram não somente o espaço fotografado, mas as pequenas impressões deixadas escritas no verso delas, que revelam o sentimento captado tanto pela lente como pela emoção de quem quer deixar uma lembrança para a posteridade. Na primeira foto (acima), Duarte Moraes escreve:

Eu e Geraldo Gomes, meu companheiro de “infortúnio”. Durante as instalações, trajando macacões, acorados nas embarcações, trocando confabulações acerca das desilusões, cheios de emoções, imersos em recordações-, contemplam uma encantadora tarde de Agosto no Ceará. CAMOCIM. 1937.



Duarte Moraes (Camocim, 1937).

Fonte: arquivo Raimundo Wilson.

Na foto acima, percebe-se o flutuante no meio do rio onde os hidroaviões faziam atracação para reabastecimento. Em primeiro plano, Duarte de Moraes. Nesta foto, ele escreve no verso:

Acosado pelos ventos, arrepiado como um caitetú,
da cabaceira da ponte da Panair, em construção,
sobre o rio Camocim, admira a cidade distante e as
grandes obras que a Companhia aqui vem realizando.
Longe, bem longe - o flutuante da Panair, onde
os aviões atracam.

As fotos e os escritos nos versos não apenas nos remetem para um distante passado em que empresas de aviões usavam nossa cidade como escala, mas podem também nos informar muito sobre os processos existentes entre a memória e a história.

Sábado 3 de março de 2018.

ESCRITORES DE CAMOCIM - FRANCISCO OLIVAR (VAVÁ)



Francisco Olivar (Vavá), 2017.

Fonte: Facebook.

Está entre nós, curtindo nossas belezas e a família, o livreiro e escritor **Francisco Olivar**, nosso conhecidíssimo **Vavá**. E o motivo é mais do que justo, Vavá completou, nesta semana, sessenta (60) anos . Pois é, Vavá entrou para o rol dos sexagenários, boa parte de sua vida em meio a livros e dedicada à venda deles, faltando pouco para completar 40 anos de presença diária na saída do Metrô da Carioca, **Rio de Janeiro**, vendendo livros a preços módicos e os distribuindo à mãos cheias.

Vavá está aniversariando, mas quem ganha presentes são seus amigos, eu incluso, com títulos quase sempre esgotados, relíquias verdadeiras, escolhidos por ele, por conhecer nossos gostos literários.

De tanto lidar com livros e estudar a fundo a obra de **Monteiro Lobato**, sendo um dos maiores conhecedores no país, Vavá também escreveu o seu livro infantil, ***Risadinha, o menino que não ganhava presente***, em 1998, bem recepcionado na época pela crítica especializada.

Por outro lado, ir à banca do Vavá é entrar em contato com pessoas comuns, estudantes e literatos, desde os desconhecidos aos acadêmicos da **Academia Brasileira de Letras**. Precursor da feira do Metrô, desde os anos 2000, Vavá trabalhou em algumas livrarias cariocas já extintas, o que o levou a circular com seu próprio material e se estabelecer, vendendo cerca de 500 livros por dia, a preço de R\$ 2,00.

O grande sonho de Vavá é que, um dia, Camocim tenha um museu, para que ele possa doar seu acervo de fotos e objetos que coleciona sobre nossa história ao longo dos anos.

Parabéns Vavá... Volte mais vezes à sua terra querida.

Segunda-feira, 20 de agosto de 2012.

ZÉ DA GUERRA - O PRACINHA CAMOCINENSE NA 2ª GUERRA MUNDIAL



Santinho de José Batista Barbosa. Arquivo da Família Barbosa.

Ele nasceu fortalezense, no dia do padroeiro de todos os cearen-
 ses, **São José** (19 de março de 1924), mas morreu camocinense (29
 jan. 2001). Entre estes dois marcos de sua vida de 77 anos, **JOSÉ
 BATISTA BARBOSA**, o popular **ZÉ DA GUERRA** foi um da-
 queles homens que tinham realmente muitas histórias para con-
 tar. Como o próprio apelido aponta, ele foi um dos pracinhas do
 Brasil que participou da contrapartida brasileira no esforço dos
 Aliados na **Segunda Guerra Mundial** contra o Eixo.

Segundo dados de uma biografia feito por familiares de Zé da Guerra, aos dezoito anos ele “ingressou no Exército Brasileiro para cumprir o serviço militar obrigatório, na cidade de Fortaleza, porém, para o cumprimento do serviço militar, teve de embarcar em navio para a cidade de Belém rumo à 8ª Região Militar, onde veio se especializar em soldado combatente em Artilharia Antiaérea, manuseando metralhadora Tripé Calibre 50”. Por ser da artilharia, Zé da Guerra, ainda segundo o documento familiar, foi o único soldado artilheiro a representar o Estado, posto que a maioria dos soldados convocados para o esforço de guerra eram da infantaria e ficaram de sobreaviso aguardando chamado, mas que não vieram realmente a combater. Desta forma, quando eu era adolescente, sempre ouvia alguém dizer que Zé da Guerra não tinha ido ao teatro da guerra, fato este que a família esclarece neste documento, dentre outros utilizados para receber uma indenização do Governo Federal. De volta da guerra, onde combatera no “Segundo Escalão da Força Expedicionária Brasileira que participou ativamente ao lado das tropas americanas, nos combates nos Alpes italianos”, os pracinhas foram recebidos no **Porto do Rio de Janeiro** e saudados com discurso do **Presidente Getúlio Vargas**. Zé da Guerra, homenageado com a **Medalha de Campanha**, dentre outros documentos, pede transferência para o **23º BC - Batalhão de Caçadores** e «em seguida deu baixa no serviço militar». Aos vinte e três anos, procurando por parentes, acaba vindo para Camocim, onde estabeleceu-se como mecânico de máquinas na antiga REFFSA, emprego este garantido por Decreto Federal para quem havia sido declarado ex-combatente. «Casou-se com Maria Torres Barbosa com quem teve vários filhos.»

Fonte: Biografia de José Batista Barbosa por sua neta Carine Barbosa. Gentilmente cedida pelo Prof. Paulo José.

LUGARES

Sábado, 17 de abril de 2021.

NOSSOS LUGARES ANTIGOS. CAMOCIM HOTEL



Ruínas do antigo “Camocim Hotel”. Camocim-CE. 2018.

Fonte. <https://www.google.com/maps>.

Quem passa hoje pela rua **Engenheiro Privat**, em **Camocim**, defronte ao número 174, dependendo de quem for, terá recordações diferentes. Pode ir desde a sensação de descaso com o patrimônio material da cidade, da situação de um terreno central inaproveitado, ou mesmo, associar o antigo “**Camocim Hotel**”, com a figura de sua proprietária, Dona **Ambrosina Félix** que,

Fonte: [google.com/maps](https://www.google.com/maps).

Recibo de estadia no Camocim Hotel (1972).

Por outro lado, as fontes históricas permitem afirmar e imaginar narrativas múltiplas sobre a história de qualquer objeto de pesquisa. Se a simples análise do recibo acima não nos permite saber quem era ou o que estava fazendo em Camocim durante os dias 22 a 25 de maio de 1972 o inspetor **Alberto Barboza de Moura**, pode-se afirmar que a autoridade fazia questão de associar seu nome à função policial. Sua rubrica no recibo, endossando a despesa, sugere que a proprietária deveria receber o valor correspondente de alguém ou de uma entidade, como a **Câmara** ou a **Prefeitura Municipal**. Uma coisa é certa: a diária no melhor hotel da cidade, que nesta época se situava defronte do local que hoje se encontra em ruínas (nº 101), custava Cr\$ 15,00 (quinze cruzeiros). É um pequeno registro do cotidiano que pode levar a outras histórias.

Domingo, 14 de março de 2021

NOSSOS LUGARES ANTIGOS. BAIÚCA



Proximidades da antiga Baiúca (Camocim-CE).

Fonte: Google Maps.

Na postagem anterior, quando me referi ao meu caminho de vaqueiro que me levava ao **São Brás**, falei *in passant* de um local chamado **Baiúca**. Pois bem, a Baiúca era nada mais do que uma casa simples caiada de branco e de duas portas verdes (ou eram azuis), que tinham na frente dois pés de “Ficus benjamim”, ou “pé de figo”, como costumamos chamar, árvore que já teve seus tempos áureos na zona urbana de **Camocim**, tragados pela ação do tempo ou mesmo pelos novos traçados das construções. Atualmente, ainda podemos ver dois exemplares que ainda resistem na rua **24 de Maio**, em frente da residência do **Sr. Quinca Veras**, dentre outros, espalhados pela cidade.

Mas, voltando à Baiúca, me era dito que eu nunca deveria passar em frente desta casa, até mesmo para não desviarmos, eu e a vaca, do caminho do São Brás. Quando voltava do pasto, sempre via a casa fechada nas primeiras horas matinais. Daí nunca enten-

der aquela proibição. A vaca acabou sendo vendida e eu nunca mais arrastei os **quinaipos** prá banda de lá.

A Baiúca, portanto, se localizava na **rua João Pessoa**, quase esquina com a **rua General Tibúrcio** e só muito tempo depois, quando a tal casa deixou de existir com a sua finalidade principal, vim a entender o nome e a circunstâncias daquelas proibições. Num sentido pejorativo, quer dizer bodega, local sem higiene e mal frequentado. Pode ser também um local de jogo e prostíbulo. Pois é, aquela casa rústica e pequena podia ser tudo isso, mas acabei por saber tardiamente que era um “cabaré” ou, para ser mais polido, uma “casa de tolerância”, que também funcionava como referência geográfica para quem se deslocava para o lado sul da cidade.

Fonte: Google Maps.

Sábado, 20 de fevereiro de 2021.

NOSSOS LUGARES ANTIGOS. SÃO BRÁS



Entrada antiga do São Brás, atualmente Rua Primeiro de Maio.

Fonte: Google Maps.

Meados da década de 1970, num tempo em que o lado oeste da cidade era limitado pela “Carroçal” (ou **estrada carroçável**), que era a estrada **Camocim-Granja**, hoje **Rua Antônio Zeferino Veras**, que já foi **03 de Outubro**, havia uma grande faixa de mata fechada, que vinha desde a **Rua Perimetral** até o **Campo da Aviação**, singrada de pequenos caminhos que então chamávamos de “veredas”.

A faixa de terra, que até outro dia pontificava o então **Hospital São Francisco**, era chamada de **São Brás**. Da “Carroçal” iniciava-se uma vereda que dava num córrego que, na sua extensão, ia dar no **Lago Seco**. Toda essa área era usada como pasto para animais de pequenos criadores, como o meu pai usava, já que era dono de uma única vaca, comprada com o objetivo de suprir a carência de leite da sua prole.

Eu era o vaqueiro da nossa fonte de leite “mugido” e coalhada servida à tardinha com açúcar e farinha. Todo dia eu tinha essa missão de, após a ordenha, conduzir a vaca até a mata do São Brás, com a recomendação de não sair do trajeto - rua **General Tibúr-**

cio, passando pela **Baiúca**, hoje trecho da rua **João Pessoa**, atravessar a “carroçal” e adentrar na mata, sem jamais se aproximar de uma casa em meio à mata que diziam ser de um macumbeiro local.

Todas estas recordações me vieram à mente ontem, quando atravessei toda essa faixa de terra loteada e sendo urbanizada com residências, oficinas e até academia.

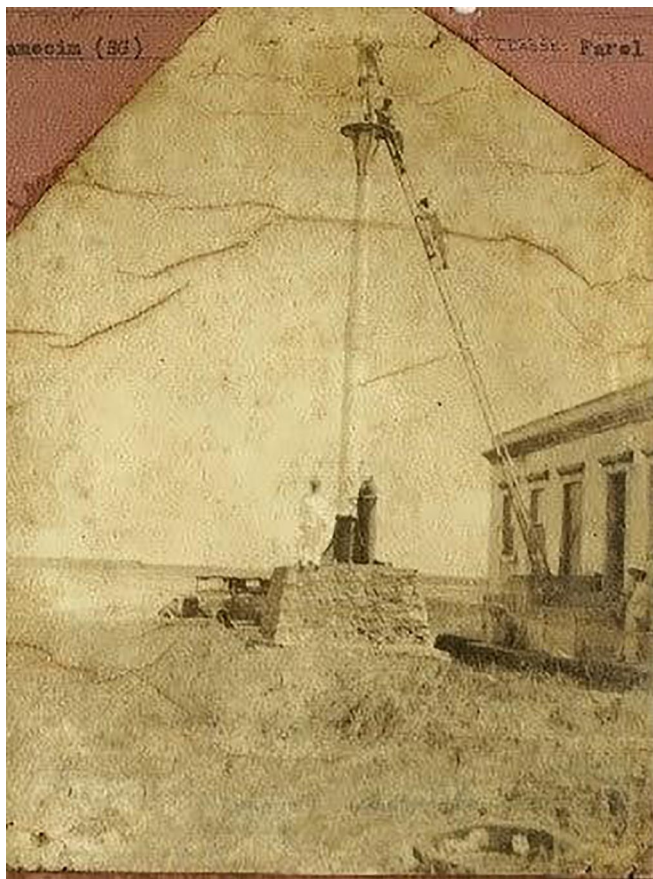
Em tempo: **São Brás** nasceu na **Armênia** e, antes de se consagrar na vida religiosa, foi um médico muito requisitado. «São Brás foi preso e sofreu muitas chantagens para que renunciasse à fé. Mas, por amor a Cristo e pela Igreja, preferiu renunciar à própria vida. Em 316 foi degolado».

Coincidência ou não, o lugar chamado São Brás, que era médico, foi palco de um sonho de outro médico, o Dr. Wilson que batizou seu hospital com o nome do santo de sua devoção: São Francisco, unidade hospitalar que hoje, infelizmente, está em ruínas.

Fonte: <https://santo.cancaonova.com/santo/sao-bras-medico-e-pastor-das-almas/>

Sexta-feira, 13 de junho de 2014.

FAROL DO TRAPIÁ - O FAROL DE CAMOCIM



Marinheiros fazendo manutenção no Farol do Trapiá (Camocim-CE).

As primeiras referências do farol de Camocim chegaram a mim como **Farol do Trapiá**, lendo a obra do escritor imortal **Carlos Cardeal**, o romance “**Terra e Mar**”. Depois, num trabalho da faculdade no final dos anos 1980, uma colega camocinense me apresentou uma foto do referido farol que me ficou na lembrança. Mais recentemente, algumas pessoas nas redes sociais fizeram

referência ao atual farol como uma construção sem nenhum atrativo arquitetônico, fazendo comparação com um antigo farol erigido na praia do mesmo nome. Independente da importância maior que um farol tenha para os navegantes, para nossos irmãos pescadores, que é a de sinalizar a entrada da nossa barra, fui atrás de fotos da antiga construção e acionei o acervo da **Marinha do Brasil**, através do meu irmão **Suboficial(HN)Luís Carlos Pereira dos Santos**. O resultado será mostrado nesta e futuras postagens. Na foto, observamos marinheiros fazendo serviço de manutenção no farol, tendo ao lado uma construção sólida de uma casa, provavelmente para morada do faroleiro

FONTE: Marinha do Brasil. CAMR-Centro de Sinalização Náutica Almirante Moraes Rego.

Segunda-feira, 30 de setembro de 2019.

O FAROL DO CAMOCIM



Antigo Farol do Trapiá. Camocim-CE.

Fonte: Arquivo do blog.

Hoje, 30 de setembro, é o **Dia da Navegação**. Neste sentido, um farol é sempre um marco para uma navegação segura. Em **Camocim**, os homens do mar agradecem esse ponto de luz que os trazem para casa na escuridão da noite.

Já postamos algo sobre o nosso **Farol do Trapiá**, com fotografias fornecidas pela **Marinha do Brasil**. No entanto, hoje trazemos o antigo farol de um novo ângulo. Muito se fala sobre este local na beira da praia. Os mais velhos narram histórias curiosas de assombração, mas também de um tempo em que serviu como salão de festas e local de encontro amorosos.

O escritor **Carlos Cardeal** em seu romance **“O Terra e Mar”** (recentemente lançado em sua 2ª edição), o denomina **Farol Sem Nome** e muitas das cenas do livro tem nele a sua ambientação.

Atualmente, o farol continua lá, com o mesmo nome e função, no entanto, sem o charme da arquitetura de outrora em nome da *“força da grana que ergue e destrói coisas belas”*.

Fonte: ARAÚJO, Carlos Cardeal de. *O Terra e Mar*.

Terça-feira, 17 de setembro de 2019.

SESI CAMOCIM. UM ESPAÇO DE LAZER E SOCIABILIDADE



Quadra de Esportes do Sesi (Camocim-CE, 1981).

Fonte: Camocim Online.

Se ainda estivesse de pé, o **Serviço Social da Indústria - Sesi. Agência de Camocim**, teria completado **49 anos** de existência no último dia 10 de setembro. Como sabemos, no ano de 2010 a agência e a sede social do Sesi foram a leilão, posto que já haviam sido fechadas há alguns anos atrás, deixando a população camocinense órfã dos serviços que prestava na área social, educacional e cultural.

O auge das atividades do Sesi em **Camocim** deu-se quando da presença do setor pesqueiro em nosso município com firmas especializadas na pesca da lagosta, principalmente. Crianças, jovens e adultos tiveram, no Sesi, um espaço de formação escolar, esportiva e cultural dentro dos vários programas e eventos que todos lembram de bom grado.

Infelizmente, a falta de visão dos detentores do poder político e econômico não souberam dar àquele espaço um destino digno da sua história. Hoje é um lugar que não serve para outra coisa, senão, a especulação imobiliária.

Para fazer jus à história, em **10 de setembro de 1970** foi sancionada a **Lei Municipal Nº 283** pelo Prefeito Municipal de Camocim, **Setembrino Fontenele Vêras**, que autorizou a fazer a doação ao Serviço Social da Indústria (SESI), Departamento Regional do Ceará, um terreno para a construção de uma Praça de Esportes e outras edificações, no prazo de um ano, situado entre as ruas **Humaitá** e **Paissandu**.

Fonte: Câmara Municipal de Camocim.

Segunda-feira, 9 de setembro de 2019.

O ANTIGO CENTRO COMERCIAL DE CAMOCIM



Estação Ferroviária de Camocim. Primeiras décadas do séc. XX.

Fonte: Instituto Histórico do Ceará.

Se você chegasse a **Camocim** no ano de **1919**, o que encontraria exatamente há cem anos atrás? Primeiro, o centro comercial e social estaria nas imediações do porto e da estação ferroviária. Visitantes e observadores em suas crônicas de viagens, quase sempre retrataram este espaço como o mais fervilhante e próspero da cidade. Senão vejamos, tendo como fonte o jornal **Folha do Littoral**, editado em nossa cidade nesta época.

Comercialmente falando, era na **Rua da Estação** que ficavam os principais estabelecimentos comerciais e os escritórios de serviços prestados por profissionais liberais. Deste modo, a **Associação Commercial de Camocim** (assim grafada) em 1919, funcionava no **Cine Phenix** (atual Promotoria Pública), e, além dele, também existia o **Cine Smart**. As representações de agên-

cias de vapores, como a **The Amazon River Navigation, Companhia Comercio e Navegação** e **A. Borges & Cia**, ficavam na casa bancária **Nicolau & Carneiro**. Na firma **J. Adonias & Cia**, tinha a representação da **Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão**. Já a **T. Navarro** era representante da **Empresa de Navegação Mosqueiro e Soure** e o **Lloyd Brasileiro** era representado pela firma **Albuquerque & Cia**.

Na diversidade comercial de então, você poderia encontrar desde a firma retalhista **Elias Asfora & Cia**; a casa "**A Italiana**" e o **Bar Commercial**, além da **Pensão Urbina**; **Alfaiataria Central** e a **Typographia Folha do Littoral**.

As repartições também ficavam na Rua da Estação. **Os Correios**, comandado por D. Maria J. Magalhães; a **Meza de Rendas Estaduaes**, sob o comando do Cel. Thomaz Zeferino Vêras. Moravam na Rua da Estação, **o prefeito municipal**, Tasso Napoleão; **o delegado de polícia**, Cel. José Severiano de Carvalho; **o delegado de hygiene**, Cel. João Nicolau F. Cavalcante.

Dominando toda essa configuração urbana, tínhamos a imponente **Estação Ferroviária de Camocim** pertencente à Estrada de Ferro de Sobral que, naquele momento, era dirigida pelo Dr. Eduardo Monte.

Este centro comercial pode ser ampliado se levarmos em conta os pontos comerciais instalados nas ruas adjacentes, como a **Rua Senador Jaguaribe**, **Travessa Dr. João Thomé**, **Travessa Dr. Privat** e **Rua da Igreja**. Mas essa é uma outra história.

Sexta-feira, 30 de agosto de 2019.

A CASA PALANQUE DE CAMOCIM



Antiga Casa dos Benícios (Camocim, 2017).

Fonte: arquivo do blog.

Aproxima-se, mais uma vez, o período eleitoral. Por aí vem muita fofoca, disse-me-disse, intrigas, ações na justiça e a campanha eleitoral. Com ela, vêm também os aparatos da apresentação dos candidatos: cartazes, santinhos, músicas, as moças com as bandeiras nas esquinas das ruas, as passeatas, caminhadas e os comícios. Estes, para quase nada servem mais. O “terreiro” onde acontece um é mais um local de concentração da massa que vê, nos comícios, mais como um evento para encontrar pessoas, paquerar, tomar umas “bicadas” e, depois, correr atrás de um paredão pela cidade. As propostas e promessas dos candidatos ficam em segundo plano.

Portanto, muito diferente de antigamente, onde a assembleia de um partido político tinha, nos oradores, o foco principal. Para isso,

não precisa de um palco aparelhado de som, com um locutor apresentador fazendo marmota em cima dele. Bastava um plano mais elevado que destacasse o orador um pouco mais alto dos ouvintes: uma mesa, uma sacada de janela, uma carroceria de um caminhão, um estrado sustentado por cavaletes, nada mais do que isso.

Em **Camocim**, no entanto, a varanda de uma casa serviu como palanque nos idos das décadas de 1950-60. Ela fica quase esquina da **Rua 24 de Maio** com **Zeferino Veras** e se destaca pela imponente varanda (foto). Diz a oralidade que políticos como **Murilo Aguiar** e **Setembrino Veras** faziam seus comícios desta varanda. Se esta casa-palanque era um reduto dos **Aguiar**, é possível que os **Coelhos** tivessem também seu ponto semelhante.

Confesso que sempre tive uma afeição especial por esta casa desde menino, desejando mesmo nela morar e ser seu proprietário. Falta-me, no entanto, o essencial numa transação capitalista para adquiri-la. No entanto, quem tiver o vil metal, pode comprá-la, pois ela está à venda, como informa os números de contato pintados na parede da “varanda palanque”.

Segunda-feira, 26 de setembro de 2016.

O MINI MUSEU DA ROSINHA DOS BOLOS

A maioria das pessoas associam um museu como se fosse um local onde se guardam coisas velhas, do passado. Mas o que é museu? É uma instituição dedicada a buscar, conservar, estudar e expor objetos de interesse duradouro ou de valor artístico, histórico e que preserva memórias de pessoas ou de lugares. Deste modo, a matéria abaixo apresenta um pouco do que temos no Minimuseu da Rosinha dos Bolos em Camocim-CE.

*De Maria de Fátima Fontenele dos Santos
Aluna do Curso de História PARFOR/UVA/Camocim*



Entrada do |Mini Museu Rosinha dos Bolos (Camocim-CE, 2016).

Fonte: arquivo de Maria de Fátima Fontenele dos Santos.

Em **Camocim** temos um museu que fica localizado no quintal da casa de **Rosinha dos Bolos**. O museu tem vários objetos que retratam a história de Camocim. Lá podemos ver objetos que pertenceram ao antigo Cine João Veras. Dentre vários objetos encontramos uma cadeira e um livro que pertenceram ao **Monsenhor Inácio Nogueira Magalhães** que foi pároco da cidade por quase meio século.

Encontramos também algumas máquinas de costura que pertenceram aos escravizados e uma variedade de objetos antigos que conta a história de um povo que tem motivo para sentir orgulho de ser camocinense.



Detalhe do interior do Mini Museu Rosinha dos Bolos.2016. Camocim-CE.

Fonte: arquivo de Maria de Fátima Fontenele dos Santos.

Para nós, um museu é de grande importância, para conhecermos mais sobre a história de nossa cidade e de seus antepassados. Precisamos de algo que nos faça lembrar como era a origem de nossa bela cidade, por meio de objetos ou fotos. E Camocim tem grandes e belas histórias que ainda não são conhecidas, mas não é por isso que devemos esquecê-las.

Através do poder público municipal projeta-se a criação de mais um museu em Camocim, com ênfase da cultura popular, onde as pessoas poderão conhecer a história de sua cidade e de seus antepassados, pois a história não pode parar.

Sábado, 24 de setembro de 2016.

O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE LAGOADAS PEDRAS CAMOCIM

Camocim não é apenas o paraíso natural representado por dunas, mangues e praias. No interior do município, na localidade de Lagoa das Pedras, distrito de Amarelas, existe um lugar pitoresco, com formações rochosas e pinturas rupestres. É disso que trata a matéria abaixo.

Por Vanderlândia de Araújo Teles
Aluno do Curso de História do PARFOR/UVA/
Camocim



Entrada do Sítio Arqueológico de Lagoa das Pedras (Camocim-CE, 2016).

Fonte: arquivo de Vanderlândia de Araújo Teles.

A localidade de Lagoa das Pedras é um lugar pouco povoado, mas tem um desconhecido sítio arqueológico que, há algum tempo, foi ameaçado por pessoas que exploram comércio de pedras

(britadeiros). No entanto, pelo fato de as pedras serem muito consistentes, eles desistiram da exploração.

O local é recheado de histórias e lendas. Moradores da região nos relataram que, ao anoitecer, os habitantes do lugar mais antigos viam moças e soldados armados em cima das pedras.

Estas pedras nos trazem uma história de pinturas rupestres, que são desenhos que nos remetem a um passado distante, de marcas deixadas por antepassados. Alguns arqueólogos já visitaram o lugar, mas não deram ainda a devolutiva e deixaram o povo desta comunidade na curiosidade de saber realmente quem foram as pessoas que habitaram o lugar.



Detalhe de pintura rupestre. Sítio Arqueológico Lagoa das Pedras (Amarelas, Camocim-CE, 2016).

Fonte: arquivo de Vanderlândia de Araújo Teles.

Ainda sobre os relatos dos moradores, este lugar teria sido encantado por fadas, pois, no dia em que descobrisse o que significava o que estava naquelas pedras, o lugar se tornaria uma cidade e o descobridor ficaria rico.

Este lugar deve ser estudado para tirar as dúvidas desta comunidade, para saber quem foram os que deixaram estas marcas. Por outro lado, entendemos que se o lugar for bem estudado e preservado poderá ser um local de visitação turística e histórica.

Quinta-feira, 22 de setembro de 2016.

A FORMAÇÃO ROCHOSA DA LAGOA DAS PEDRAS. CAMOCIM

Por Francisca Germanda Ferreira Barbosa
Aluna do Curso de História. PARFOR/UVA/
Camocim

Se você pensa que, no quesito belezas naturais, Camocim é apenas o detentor do maior litoral do Ceará, com cerca de 62 km de praias paradisíacas, está enganado. Na localidade de Lagoa das Pedras, distrito de Amarelas, temos um sítio arqueológico com pinturas rupestres e formações rochosas conhecidas como “tanques”, como mostra a matéria abaixo.



Formação rochosa “Tanque”. Lagoa das Pedras (Amarelas, Camocim-CE, 2016).

Fonte: arquivo de Vanderlândia de Araújo Teles.

As formações rochosas são elementos naturais que aparecem, na paisagem de diversos lugares, com formas e tamanhos diferentes.

Na localidade de **Lagoa das Pedras**, encontra-se uma dessas rochas em formato de “**tanque**” que acumulam água nas quadras invernosas. Outras pedras compõem o cenário nos seus arredores.

Há relatos da população que, na época de uma grande seca, esse tanque secou, mas não se informou, com veracidade, o ano desse acontecimento. Quando seco, percebe-se que seu fundo é semelhante a um funil, forma esta que impede visualizarmos seu término.

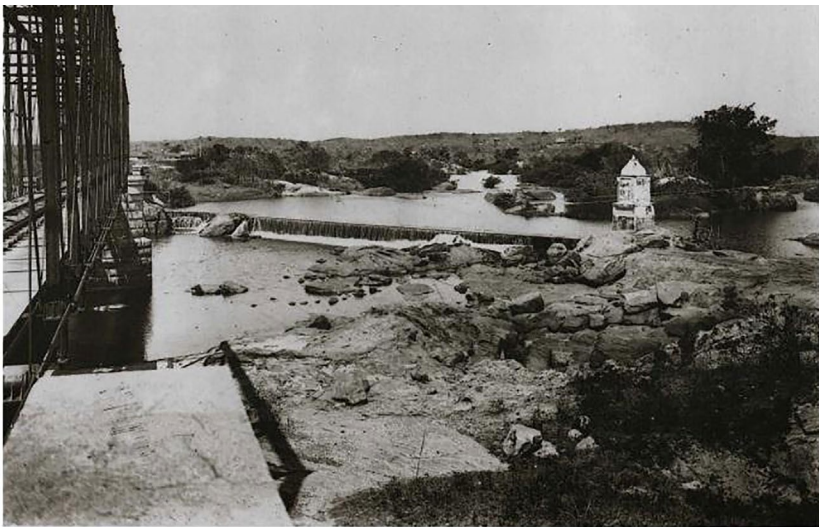
Segundo ainda estes relatos, populares usam este tanque quando cheio para lazer, tomar banho, no abastecimento de água, lavagem de roupas, entre outras atividades.

No entanto, o tanque e o sítio arqueológico da Lagoa das Pedras como um todo é pouco conhecido e estudado. Cremos que, bem explorado, poderia ser utilizado como ponto turístico e histórico, mostrando uma das riquezas naturais do nosso município e uma referência dos nossos antepassados.

HISTÓRIAS

Sábado, 28 de outubro de 2017.

CAMOCIM NOS LIVROS. X. A CIÊNCIA A CAMINHO DA ROÇA



Represa Lima Brandão. Rio Camocim (CE), 1912.

Barragem Lima Brandão. Rio Camocim (Ceará, 2012).

Fonte: *A ciência a caminho da roça*, p. 55.

Na primeira década do **século XX**, com o advento da **República**, várias expedições científicas foram realizadas no interior do Brasil, no sentido de conhecer melhor o território, o povo, a

cultura. Logo, entre **setembro de 1905 e fevereiro de 1906**, o sanitarista **Oswaldo Cruz** empreendeu uma viagem de inspeção aos portos do Brasil (24, ao todo) para mapear as condições de higiene e saneamento desses locais, visando combater o cólera e a peste. Foram 68 dias de viagem. Em cada porto, a comissão de estudos fazia um relatório e Oswaldo Cruz geralmente escrevia uma carta à sua esposa sobre o lugar em que estava, falando de fatos e pessoas com quem esteve. **Camocim** foi um dos portos visitados. Se ele escreveu uma carta de Camocim para sua esposa **Emília Fonseca Cruz**, ainda não sabemos, mas as cartas (16 no total) estão no acervo da **Fundação Oswaldo Cruz** e um dia penso em consultá-las. Quanto aos relatórios, eles ainda não foram encontrados e/ou disponibilizados.

Sete anos depois, em 1912, em outra expedição, Camocim é visitada por cientistas da Fundação Oswaldo Cruz. Vejamos o que se diz no livro “A ciência a caminho da roça”:

Mapeando o sertão

*Enquanto Adolpho Lutz e Astrogildo Machado singravam o São Francisco e seus afluentes, João Pedro de Albuquerque e José Gomes de Faria atravessavam os Estados do Ceará e Piauí, de março a julho de 1912. Esta expedição percorreu um longo trajeto, que incluía Fortaleza, Quixadá, Prudente de Moraes (Muxuré), Quixeramobim, Baturité, Acarape e Redenção. Retornando a Fortaleza, seguia para Tutóia, Parnaíba, Teresina, Amarante, Floriano, Serra do Ibiapaba, São Benedito, Ibiapina, Jacará, Tianguá, Guatiguaba, Viçosa, Granja, Sobral, Serra de Meruóca, Ipu, Ipueiras, Pinheiro, descendo, por fim, pela **estrada de ferro de Sobral até Camocim**. (p. 56).*

No referido livro, além da referência à Camocim, da passagem da comissão pela cidade, ficou registrado uma imagem (foto aci-

ma) da **Barragem Lima Brandão**, na cidade de **Granja**, legendada como localizada no **Rio Camocim**, como era oficializado na época, hoje. **Rio Coreaú**.

Fontes:

1. *A ciência a caminho da roça*: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913. [Online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1992. O microscópio em busca da nação, p. 51-109.
2. *A bordo do República*: diário pessoal da expedição de Oswaldo Cruz aos portos marítimos e fluviais do Brasil.

Domingo, 3 de novembro de 2019.

OSWALDO CRUZ E SUAS IMPRESSÕES SOBRE CAMOCIM



Vista aérea da beira-mar de Camocim (2021).

Fonte: @igor_flydrone.

Há muito tempo que procurava uma documentação sobre o **Porto de Camocim**, relativa à viagem empreendida pelo sanitaria **Oswaldo Cruz** no começo do século XX. A expedição ficou conhecida como a «Viagem aos Portos do Norte e Nordeste do Brasil» e desenrolou-se entre os anos 1905 a 1906. Com efeito, desde que assumira o posto de Diretor Geral de Saúde Pública em 1903, defendeu a necessidade de se levar, para outras regiões do país, as ações de saneamento que estavam sendo realizadas por ele no Rio de Janeiro. Assumira, então, o compromisso de que, tão logo fosse controlada a febre amarela na capital, iria se dedicar à reformulação dos serviços de saúde dos portos marítimos e fluviais brasileiros»,

no intuito de « promover a defesa sanitária de seus portos contra a invasão de doenças como o cólera e a peste bubônica.

Sabedor de que a expedição passaria pelo Porto de Camocim, recorri a amigos no sentido de buscar essa documentação. No entanto, só agora os detalhes da viagem estão disponibilizados através das cartas que Oswaldo Cruz escrevia à sua esposa **Emília Fonseca Cruz**, de cada porto por onde passava.

A viagem iniciou-se a “28 de setembro de 1905, acompanhado de seu secretário, o médico João Pedroso, Oswaldo Cruz embarcou no rebocador *República* rumo ao norte do país. Levava, na bagagem, um plano para a construção de hospitais de isolamento e de estações de desinfecção em cada local a ser visitado.

Experiência pioneira de contato com um Brasil praticamente desconhecido nos grandes centros urbanos, esse trabalho teria continuidade alguns anos depois, com as expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz. Será principalmente a partir delas que o país tomará consciência da dramática realidade de sua gente mais sofrida: a população dos sertões brasileiros.

Sobre Camocim, Oswaldo Cruz, depois de enfrentar o mar revolto, típico de novembro, ao chegar ao nosso porto, escreveu à sua mulher, dentre outros detalhes:

2 de novembro de 1905

“... Camocim, pequena cidade nova, porto importante do Ceará, ponto de partida duma estrada de ferro que vai a Ipu, passando por Granja e Sobral. Coisa interessante: eram 5 hs da manhã e todas as casas já estavam abertas e as famílias sentadas tomando café! Que madrugadores!”

Como resultado da viagem, o “chefe da DGSP anunciou que em Caravelas, Mossoró e Camocim seriam instaladas delegacias

de saúde tendo em vista a importância desses portos e o volume de transações comerciais que transcorriam lá. Providências significativas seriam tomadas nestes e nos demais portos: construção de estações de desinfecção para navios e desinfectórios para os passageiros e habitantes, hospitais de isolamento, fornecimento de barcos de desinfecção, com a nomeação de profissionais adequados a esses serviços. Tais ações de prevenção de doenças transmissíveis seriam iniciadas no ano de 1906, destinando-se a elas alguns milhares de contos (SAÚDE PÚBLICA, 1905, p. 1). Há que se considerar que esse auspicioso plano geral de saneamento dos portos não veio a ser concretizado nos anos posteriores (FUNDAÇÃO, 2002, p. 113)”.

Fonte: BEZERRA, Mariza Pinheiro. NOS SERTÕES DO NORTE: SAÚDE PÚBLICA E SANEAMENTO NO MARANHÃO, (1889-1930). Rio de Janeiro. 2019.

<http://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/biografia/trajetoria-cientifica/na-diretoria-geral-de-saude-publica/viagens-aos-portos>

Sexta-feira, 27 de setembro de 2019.

A VALSA CAMOCINENSE



Partitura da “Valsa Camocinense” de Raimundo Nonato de Araújo (Mundico).

Fonte: arquivo Fábio Alves.

Quando **Pinto Martins** passou por **Camocim**, em **1922**, por ocasião do voo pioneiro entre **Nova Iorque** e **Rio de Janeiro**, a elite local lhe proporcionou uma festa no salão do **Sport Club**. A partitura acima é uma das raridades que sobreviveram deste tempo. Trata-se da “**Valsa Camocinense**”, composta por **Raimundo Nonato de Araújo (Mundico)**. Tal música, conta-se, foi executada na época pela **Banda Lyra Camocinense**, na aludida festa, sob a batuta do maestro **Luís de Moraes**.

Hoje, 97 anos depois, a atual Banda Lira irá executar a mesma valsa por ocasião do lançamento do livro “**Pinto Martins. Um voo na memória e história do avião camocinense**”, no encerramento do **31º Salão de Artes de Camocim**.

Segundo o maestro **Miguel Arcanjo**, além da peça musical contida na partitura, do acervo do pesquisador camocinense **Fábio Alves**, a obra se reveste de importância por ter sido feito pelo copista **João Inácio da Fonseca**, conhecido nacionalmente entre as bandas de músicas, autor de inúmeras valsas e dobrados. Desde 1971 que a Banda Municipal de Maranguape leva o seu nome.

Agora é só comparecer ao evento para conferir o som!

Sábado, 21 de setembro de 2019.

AS ÁRVORES DE CAMOCIM. MONGUBEIRAS

A monguba é uma bela árvore tropical, de caule frondoso e copa arredondada, capaz de alcançar 18 metros de altura. Nas florestas tropicais, podemos encontrá-la em ambientes brejosos, ou à margem de rios e lagos, o nome científico “aquática” provém desta característica. Apresenta folhas grandes e palmadas, divididas em 6 a 9 folíolos verdes e brilhantes. As flores são muito bonitas e perfumadas, com longos estames de extremidade rosada e base amarela. Os frutos grandes e compridos, semelhantes ao cacau, contém paina sedosa e branca que envolve as sementes. As sementes da monguba podem ser consumidas torradas, fritas ou assadas, e até trituradas como um sucedâneo do café ou chocolate, e dizem que são muito saborosas.



Mongubeira na Rua Humaitá (Camocim-CE).

Fonte: google maps. 2012.

Afora uma castanholeira centenária que existia no pátio das oficinas da **Estrada de Ferro**, creio que as mongubeiras em **Camocim** foram as primeiras espécies a serem plantadas na zona urbana do município. Existiam várias, mas o tempo e o homem quase acabaram com elas. Tenho a impressão que elas demarcavam pontos do perímetro urbano face às suas localizações no traçado antigo da cidade. Atualmente, restam alguns exemplares desta árvore frondosa, da família das malváceas, localizados na **Rua da Independência**, ao lado do **Mercado Público**; na **Rua José de Alencar**, próximo à **Caixa Econômica Federal**; no lado oeste da **Igreja Matriz**, resta uma e outra na **Rua Humaitá**, próximo ao **Bar do Grijalba**.

Esta tem uma história singular. Localizada defronte de uma residência, o dono da casa, um dia, achou por bem sacrificar a velha árvore. Mandou fazer uma poda rigorosíssima, deixando praticante o tronco, sem folhas. Não se dando por satisfeito, pois notara que a árvore reagiu colocando alguns brotos de fora, tratou de atear fogo na base de uma fenda existente no tronco. Vendo a «arrumação» do sujeito, a turma que estava bebendo no Bar do Grijalba correu lá e impediu o desastre total, entre ameaças ao incendiário, inclusive acionar o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Apagaram o fogo e, hoje, ela ainda resiste como símbolo da persistência, enverdecendo e fazendo sua função de purificar o ar naquela rua.

Falando um pouco mais sobre as mongubeiras:

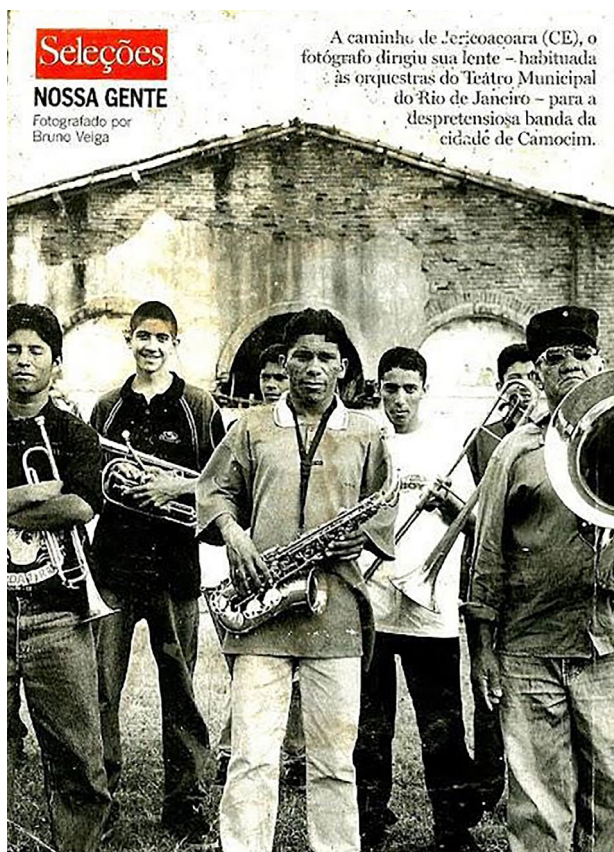
As mongubas são árvores de excelente efeito decorativo, amplamente utilizadas na arborização urbana e rural. As plantas jovens envasadas são excelentes para ambientes internos bem iluminados. Os países asiáticos são importantes produtores e exportadores da planta nesta forma. Ela é disposta nos ambientes de acordo com o *feng shui* e a ela é

atribuída reputação de atrair dinheiro e prosperidade. É conhecida como *money tree* ou árvore-do-dinheiro. Geralmente são vendidas plantas com três ou mais caules trançados para que formem apenas um tronco de aspecto decorativo.

Fonte: <https://www.jardineiro.net/plantas/munguba-pachira-aquatica.html>.

Quarta-feira, 18 de setembro de 2019.

A BANDA LYRA DE CAMOCIM



Alguns integrantes da Banda Lira de Camocim (2001).

Fonte: Revista Seleções.

Uma das instituições centenárias de Camocim é a **Banda de Música Municipal** que hoje tem o sugestivo nome de **Banda Lyra Camocinense** e é regida pelo músico **João Miguel Arcanjo (Maestro Miguel)**. Segundo alguns documentos, antes de 1920, houve uma banda chamada Harmonia Camocinense, que teve seus instrumentos vendidos para o **Círculo Católico de So-**

bral, como informa o fundador da **Lyra Camocinense**, o maestro **Luís de Moraes**. Num resumo de sua vida em Camocim, publicado em **1925**, o referido maestro escreve:

Achando-se Camocim sem uma banda de música, resolvi ensinar meninos, o que comecei a por em prática no mês de abril de 1920. No dia 7 de agosto daquele mesmo anno, consegui inaugurar uma nova banda de música sob denominação de **LYRA CAMOCINENSE** com o número de 13 músicos, sendo 2 antigos e 11 novos, ensinados por mim, a custo de muito sacrifício.

Neste registro, informa-se ainda que a **LYRA CAMOCINENSE** tocou na festa em homenagem à **Pinto Martins** em **1922**, quando ele passou por Camocim durante o voo pioneiro **New York-Rio de Janeiro**.

Dentre tantas formações, destacamos hoje o septeto de sopro da Banda Lyra Camocinense, captado pelo fotógrafo da famosa **Revista Seleções Bruno Veiga**, no ano de **2001**.

Destaque-se, em primeiro plano, o Sr. **Antônio Pereira da Silva**, o nosso **Mestre Cazumbi** e sua tuba, amante da música e do futebol. Mestre Cazumbi nos deixou em **15 de setembro de 2014**, completando cinco anos de ausência física entre nós. Quem são os outros músicos? Segundo o Maestro Miguel que, na época da foto, já era o regente da banda são Dácio Filho, Antônio de Souza, Francisco das Chagas (Chaguinha), Everson Abreu, Everaldo e Francisco das Chagas (Bolinha).

Que no ano do centenário da Banda Lyra Camocinense, que ocorrerá no próximo ano, o velho maestro seja lembrado.

Fonte: MORAES, Luís. Resumo histórico da vida de Luís de Moraes desde sua chegada a cidade de Camocim. 1907-1924. Typ. Correio da Semana. Sobral-CE. 1925, p. 7.

Sábado, 27 de julho de 2019.

CAMOCIM E O ELIXIR DE NOGUEIRA



Anúncio do Elixir de Nogueira.

Fonte: Revista D. Quixote - RJ, 1921. Anno 5, nº 201, p. 4.

O que um simples anúncio de remédio pode revelar para a história? Muito mais do que a gente pensa. Numa época em que a indústria farmacêutica e a mídia ainda não tinham o arsenal de mídias que possuem hoje, os anúncios em jornais e revistas, além do rádio, era a maneira de propagar os efeitos de seus produtos, sem falar dos propagandistas de feiras a percorrer o país.

Mas hoje vamos enfocar os anúncios dos remédios em revistas de circulação nacional, como a **D. Quixote**, do **Rio de Janeiro**. Um dos recursos de marketing da época era o depoimento de pessoas, impressos nas revistas, contando como foram curadas, oriundas de várias cidades do país. Neste sentido, encontramos vários destes depoimentos enviados de **Camocim**, quase sempre por indivíduos da chamada “sociedade”, ou seja, da elite local.

No anúncio destacado, enaltecendo os efeitos curativos do **Elixir de Nogueira**, observa-se no depoimento do Sr. **Francisco Menezes Carneiro**, identificado como Redator Chefe do jornal “**O Rubi**”, que ele foi curado “de um forte reumatismo no peito” e que sua mulher e uma filha que sofriam de “**flores brancas**” e que

foram completamente curadas. “Flores Brancas” era o nome popular para candidíase

Além de se visualizar uma foto do jornalista Francisco Menescal Carneiro, muito rara para os dias de hoje, sabemos pelo anúncio que o Elixir de Nogueira era vendido em todo o Brasil e países da **América Latina** como **Argentina, Uruguai, Bolívia, Chile**, dentre outros.

Por uma simples carta datada de 1917 e anunciada numa revista em 1921, podemos ter várias informações e possibilidades de se ver a história da cidade. Este é o seu fascínio!

Quinta-feira, 30 de maio de 2019.

CAMOCIM E A TEORIA DA RELATIVIDADE I



Eclipse solar em Sobral (1919).

Fonte: Revista Galileu.

Encerraram-se, ontem, as comemorações do primeiro centenário do eclipse solar em **Sobral**, onde foi comprovada a **Teoria da Relatividade de Albert Einstein**. Nesta semana, Sobral foi o centro mundial das atenções referente ao episódio que transformou o pensamento científico moderno. Seminários, inaugurações, comemorações, lançamentos de livros, palestras, performances, reportagens nas diversas mídias, dentre outras atividades correlatas, animaram a cidade.

Mas como **Camocim** entra nesta história? Para chegar em Sobral em 1919, os cientistas ingleses desembarcaram do vapor *Fortaleza* em nosso porto, em 29 de abril daquele ano, exatamente um mês antes da verificação do eclipse em céus sobralenses. Aqui tiveram que pernoitar para, no dia seguinte, tomarem um trem rumo a Sobral. No breve tempo que aqui passaram, os cientistas ingleses se

reuniram com autoridades locais e trocaram algumas informações com pesquisadores que acompanhavam a Comissão Britânica.

No romance histórico da renomada escritora **Ana Miranda** sobre o evento, **“O Peso da Luz. Einstein no Ceará”** (Armazém da Cultura, 2013) essa evidência se baseia em dados colhidos de várias fontes impressas:

Ouvimos o apito do trem. Pagamos a hospedagem, embora a modesta família não quisesse nada receber, o povo de Camocim era tão acolhedor que saiu de suas casas e foi dormir em palhoças, para abrigar os viajantes em suas próprias camas e redes. Corremos para a gare. Já lá estavam os membros da comissão, e logo chegaram os cientistas ingleses com ar de estremunhados pelo sono. Olhavam para o alto, preocupados com o céu fechado, e ao mesmo tempo com o embarque dos equipamentos, que pertenciam aos observatórios de Greenwich e de Oxford, e à Academia Real da Irlanda, cujos nomes estavam impressos nos caixotes de muitas setas indicando o lado que devia ficar para cima (p. 98-99).

Resta dizer ainda, que tais equipamentos foram transportados com dispensa de taxa de embarque na Estrada de Ferro de Sobral concedida pelo Governo Federal.

Na próxima postagem falaremos mais sobre o tema.

Domingo, 2 de junho de 2019.

CAMOCIM E A TEORIA DA RELATIVIDADE II



Estátua de Albert Einstein (Sobral-CE).

Fonte: Prefeitura Municipal de Sobral.

Na postagem anterior, falamos da obra da escritora **Ana Miranda** (*O Peso da Luz. Einstein no Ceará*), referente ao eclipse solar de 1919, visualizado em **Sobral**. O romance coloca **Camocim** nesta história, principalmente nas impressões de um aprendiz de cientista e um poeta, protagonistas do enredo, que saem da Paraíba com o intuito de acompanhar os trabalhos da comissão científica que iria verificar a teoria do cientista alemão **Albert Einstein** em Sobral.

Começa por informar o trajeto da dupla: “Descemos de cavalo até Recife para tomar um cargueiro a vela rumo a Camocim” (p. 55). Depois, a duração do trajeto: “Foram oito dias até Camocim, parando em pequenas baías ou nos portos das capitais” (p. 57).

Portanto, evidencia a navegação de cabotagem muito intensa naquela época, além da descrição da primeira vista dos que chegavam à cidade pelo mar: “Avistamos Camocim diante das falésias, dunas, campos de cajueiros, e uma formosa ilha bem em frente à cidade, feita só de areia e coqueiros” (p. 59).

Desembarcando na cidade, a dupla protagonista continua falando do local, desta vez, se referindo aos membros da comissão de cientistas. “Em Camocim a sorte nos favoreceu. Lá estavam os cientistas. Os astrônomos ingleses Charles Davidson e Andrew Crommelin e seus camareiros acabavam de desembarcar do Vapor Fortaleza, depois de uma viagem de cinco dias desde Manaus” (p. 60).

Várias outras passagens no livro se referem ao porto e à ferrovia. Na próxima postagem, mostraremos como os protagonistas conseguiram uma dormida na bucólica Camocim.

Sábado, 15 de junho de 2019.

CAMOCIM E A TEORIA DA RELATIVIDADE III



Vista de Camocim. 07 de maio de 1919.

Fonte: Carnegie Instituion. Department of Terrestrial Magnetism.

Continuando a série sobre **Camocim e a Teoria da Relatividade**, finalizamos com as impressões dos personagens sobre a **Camocim** no ano de **1919**. A foto acima revela um pouco de como a **Comissão Científica**, que se instalaria em **Sobral** posteriormente, encontrou a nossa cidade na época. Nas palavras da autora do livro já referido nas postagens anteriores, através de seus personagens, ela descreve uma cidade bucólica, com ares de progresso e um povo acolhedor, característica que ainda perdura atualmente. Vejamos os trechos que sustentam as afirmações:

Perguntamos a pescadores sobre alguma pensão ou um lugar de abrigo onde pudéssemos nos aboletar, e fiquei no porto com as bagagens enquanto Xerxes verificava as possibilidades de abrigo. A lua nasce transformando o mar calmo num espelho reflexivo que estendia seus raios sobre as velas amarradas das embarcações, nas areias distantes das dunas, nas palmas lascivas dos coqueiros, nos telhados das casas ao longo do porto, quando chegou o poeta acompanhado de um rapaz com feições indígenas, puxando um pequeno jumento (p. 90).

[...] O rapaz amarrou os baús na cangalha e seguimos pelo porto, [...] Passamos pela capela de Bom Jesus dos Navegantes, que tinha acabado de ser cons-

truída, paramos para admirar uma bela casa, que o jovem disse ser a residência dos engenheiros ingleses vindos para construir a estrada de ferro. Disse o nativo que havia muita vida na cidade. Ali havia jornais, gabinete de leitura, cursos noturnos, muitas festas dançantes, até cinema que exibia filmes posados e filmes cantados. Fomos pelos arrabaldes, arranhando a costa, até chegarmos a uma cabana onde tremulava a luz de um fogão a lenha (p. 91).

[...] Armamos nossas redes debaixo de um rancho, na areia da praia. Era um simples teto de palha sobre quatro paus, onde guardavam pequenos barcos, remos, rede de pesca.

[...] Ouvimos o apito do trem. Pagamos a hospedagem, embora a modesta família não quisesse nada receber, o povo de Camocim era tão acolhedor que saiu de suas casas e foi dormir em palhoças, para abrigar os viajantes em suas próprias camas e redes (p. 98).

Fontes: MIRANDA, Ana. *O Peso da Luz*. Einstein no Ceará. Armazém da Cultura, 2013.

Domingo, 17 de fevereiro de 2019.

OS NOMES DA AVENIDA BEIRA-MAR - CAMOCIM



Avenida Beira-Mar, Camocim-CE (1983).

Fonte: IBGE.

Se você vai curtir uma praia hoje em **Camocim**, certamente em algum momento vai se deparar com um placa indicando **AVENIDA BEIRA-MAR**. Mas sempre foi assim? A nomenclatura das ruas de uma cidade pode mudar com o tempo, com as conveniências e vaidades de quem tem o poder de nomear - vereadores e prefeito. Por outro lado, os projetos de nomeação dos ruas e logradouros públicos passam pela **Câmara Municipal**. Deste modo, um projeto deste pode ser aprovado na Câmara e não ser sancionado pelo prefeito. Ou ser indicado pelo prefeito e não ser aprovado pela Câmara. No primeiro caso, os vereadores ainda podem derrubar o veto do prefeito e o projeto virar lei, contudo, isso é raro.

Deste modo, ao longo do tempo, nossa principal avenida teve nomes que foram sendo substituídos por outros e, alguns dos que foram aprovados, mas não “pegaram”. Lendo as atas da Câmara Municipal de Camocim, podemos ter uma ideia desta variedade de nomes. Já se teve, por exemplo, **AVENIDA ESPLANADA DO**

PORTO, quando o porto estava ativo nas primeiras décadas do século passado, mas a avenida ainda não tinha a extensão que tem hoje. Depois quiseram emplacar “**RUA FREIRE NAPOLEÃO**”, a um trecho que ia do **Camocim Clube** à antiga **CEPESCA**. No tempo dos “seis anos com amor”, da então prefeita **Ana Maria Veras**, quando a via foi alargada e estendida até ao bairro da Praia, foi aprovado o nome pomposo de **AVENIDA MARIO ANDREAZZA**, em homenagem ao então Ministro do Interior do regime ditatorial de 1964, que liberou a verba para a realização da obra.

Na sessão de 21 de junho de 1990, o então vereador Roosevelt Araújo Queiroz apresentou projeto “denominando de **AVENIDA DEPUTADO MURILO AGUIAR** a avenida que, nascendo na Praça denominada Murilo Aguiar, segue pela orla Marítima até o lugar denominado ‘Barreiras’”. Na sessão seguinte, de 28 de junho de 1991, o projeto foi aprovado.

Contudo, o bom senso parece ter se rendido ao aspecto natural da nossa orla e o nome **AVENIDA BEIRA-MAR** passou a fazer parte dessa galeria de nomes, a partir da construção do calçadão que a margeia, realizado na gestão do prefeito **Sérgio Aguiar**.

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Camocim. 17ª Sessão Ordinária – 1º Período Legislativo. 3ª Sessão Legislativa. 11ª Legislatura. 21 de junho de 1991, p. 148.

Sábado, 29 de setembro de 2018.

A LEI DE CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE CAMOCIM



Publicação da Lei de Criação do Município de Camocim (1879).
Fonte: Cearense, Ano XXIV, nº 120, sexta-feira, 31 de outubro de 1879, Fortaleza-CE.

As leis, depois de sancionadas e para terem efeito legal, devem ser publicizadas. Isto é um expediente que existe desde que inventaram as leis. Antes dos jornais, as leis eram anunciadas por funcionários da burocracia em alto e bom som (geralmente nas feiras) ou escritas e transcritas e colocadas em local visível para o conhecimento de todos.

Este pequeno preâmbulo é para destacar a publicação da lei de criação do município de **Camocim**, sancionada há **139 anos** e publicada nos jornais da capital, dois dias depois.

Deste modo, o blog **Camocim Pote de Histórias** disponibiliza a seus leitores no mundo todo, de forma inédita, a publicação da **Lei N° 1849, de 29 de setembro de 1879**, ano 58° da **Independência** e do **Império**, que cria a **Villa de Camocim**, cujos limites ficaram os mesmos de quando era distrito de **Granja**, elevando-a à condição de município, assinada pelo então Presidente da Província, **José Júlio de Albuquerque Barros**, futuro **Barão de Sobral**, o mesmo que, dois anos antes, batera o primeiro prego para a construção da **Estrada de Ferro de Sobral** em Camocim.

Este e mais outros documentos farão parte de um futuro memorial que está sendo criado na **Câmara Municipal de Camocim**.

Quinta-feira, 27 de setembro de 2018.

AS CONTAS DE ÁGUA, LUZ E TELEFONE DE CAMOCIM

SERVIÇO AUTÔNOMO DE ÁGUA E ESGOTO C.G.C. 07.817.778

Série "A" Nº: 117235

Esta conta é válida apenas para o mês de setembro de 1970.

VERCIMENTO

LEITURA ATUAL	CONSUMO	VALORES					CONTA Nº	
		ÁGUA	C. R.D.	ESGOTO	SUB-TOTAL	Q. FÍXO	T. R./MÚLTA	
1.044	69	34,67	0,49	-	35,16	5,20	40,36	117235

75CIMA Nº

APRESENTE ESTA CONTA NO ATO DO PAGAMENTO

As contas não devem ser a base de recatamento, sendo assim de 10%.

Descontos de 10% após o vencimento, sem que a mesma tenha sido paga, não constituem e não representam de água.

MULTA 10%

TOTAL C/MULTA Nº1

RECEBEMOS SAAE - CAMOCIM

Chancela

Nome

Endereço

Mercado Público Prefeitura M. Camocim

Independência

Conta do SAAE de Camocim (1970).

Fonte: Arquivo da PMC.

Como você paga sua conta de água mensalmente em **Camocim**? Provavelmente em algum posto de recolhimento mediante o “papel” da conta correspondente. Mas e como eram os recibos na década de **1970** do século passado? O blog recupera o modelo utilizado nesta época, devidamente preenchido à máquina de datilografia e sem maiores informações, além do consumo mensal. Hoje, informações como turbidez, cor, quantidade de flúor e coliformes são informados nos chamados “parâmetros da água distribuída”. A conta acima é do consumo do **Mercado Público de Camocim**.

COMPANHIA DE ELETRIFICAÇÃO RURAL DO NORDESTE - CERNE

CADASTRO GERAL DOS CONTRATANTES DO MINISTÉRIO DA FAZENDA

INSCRIÇÃO N.º 10.194.333

CONTA MENSAL DE ENERGIA

PERCEPÇÃO PÚBLICA - MERCADO PÚBLICO - 5M - CAMOCIM

15-06-71 64 TO 10-01-1945 28 28 54

OC123 00146 24 4,20 12

25-06-76 11-05

4/5/76

E a conta da luz? Antes mesmo da **COELCE - Companhia de Eletricidade do Ceará**, os recibos de energia em Camocim eram emitidos pela **Companhia de Eletrificação Rural do Nordeste - CERNE**. Eu ainda sou do tempo em que se falava que a energia de Camocim foi trazida da **Hidrelétrica de Paulo Afonso**, através da **CENORTE**, sigla gravada nos postes de cimento. A conta mostrada é de **1971** e também se refere ao consumo do Mercado Público de Camocim.

SERVICO TELEFÔNICO DE CAMOCIM S. A.

N.º 1661

NOME E ENDEREÇO

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMOCIM

408

SETEMBRO

Unid. Interurb.	Unid. Dist.	Comunicação	Despesa	Transferência	Indicador	Transferência - Valor Total
			9,00		1,80	
					1,35	
						10,35

10,35

NO PAGO ATÉ 5 DE 71

SERÁ DESPACHADO

EXCETO DO NÃO ART. 12 DEB. 401 DE 1947

E a sua operadora de telefone? Em 1971, o celular não era cogitado nem em sonho e a telefonia era fixa, conforme mostra o recibo da conta do mês de setembro da **Prefeitura Municipal de**

Camocim, no valor de Cr\$ 12,35 (doze cruzeiros e trinta e cinco centavos). A nossa “operadora” local era o **Serviço Telefônico de Camocim S.A** e funcionava com o auxílio de uma telefonista que comandava as chamadas de uma central telefônica que funcionou por um tempo na **Rua 24 de maio**, ao lado da **Escola João da Silva Ramos**.

Até hoje, se não pagar em dia, os serviços são cortados...

Fonte: Conta de Luz. 1970. Arquivo da Prefeitura Municipal de Camocim.

Conta de Telefone. 1971. Arquivo da Prefeitura Municipal de Camocim.

Sábado, 21 de julho de 2018.

O COCO DE PRAIA DE CAMOCIM



Coco de Praia de Camocim (1986).

Foto: acervo da Casa da Memória Equatorial.

Nos idos da década de 1980, o **Coco de Praia de Camocim** era dançado principalmente por pegadores de caranguejo, salineiros e estivadores. Na época, o **SESI – Serviço Social da Indústria** atuava em Camocim e apoiava vários grupos folclóricos, juntamente com a **Prefeitura Municipal**. A Sra. **Margarida Vieira**, ex-agente do SESI em Camocim, nos contou, em 2007, sobre a existência do grupo do Coco de Praia:

Foi em 1986 que o SESI, com o propósito de resgatar a cultura em Camocim, criou um grupo de homens [...] para formar a 'Dança do Coco'. O grupo era composto de 16 homens, pois teríamos 2 para tocar os caixões e 2 para os ganzás e o restante na roda. Os emboladores também tocavam os ganzás. A vestimenta era de algodãozinho tingido da casca do manguê ou do cajueiro para ficar uma cor marrom. Utilizavam também chapéu de palha e dançavam descalços.

Podemos perceber, na fala da depoente, a relação direta da Dança do Coco em Camocim com os trabalhadores, guardiães da tradição oral dessa dança, procurando, na sua execução, se utilizar de elementos muito próximos à sua realidade, desde aos instrumentos à vestimenta tingida com tintas de árvores da flora local. Contudo, a grande maioria deste grupo já faleceu, não passando para as gerações atuais o folguedo, além de não existir atualmente uma política pública de incentivo de práticas culturais deste tipo.



Novo grupo do Coco de Praia de Camocim (2018).

Foto: Eduardo Souza.

Felizmente, agora a **Academia Camocinense de Ciências, Artes e Letras (ACCAL)** vem recuperando esta tradição, através do **Mestre Luís Jovino**, que também restabeleceu o Bumba Meu Boi **Brilha Noite**, realizando apresentações em Camocim e cidades vizinhas. Com relação ao Coco de Praia, ele se apresentará próximo do evento **Povos do Mar**, em **Caucaia**. Tendo à frente do reestabelecimento do grupo o artista plástico **Eduardo Souza** e ele pede um apoio em forma de patrocínio dos mais diversos setores da comunidade camocinense, no sentido de preservar nossa cultura popular.

Fonte: Entrevista com a Sra. Margarida Vieira, professora, 06 de outubro de 2007. Camocim-CE. **Fonte das imagens:** acervo da Casa da Memória Equatorial.

Sexta-feira, 29 de junho de 2018.

A FESTA DE SÃO PEDRO EM CAMOCIM



Procissão Marítima de Camocim.

Fonte: Evaldo Carneiro (Facebook).

Tida como uma das mais belas procissões marítimas do Estado do Ceará, a **Procissão de São Pedro**, em **Camocim**, anualmente arrebatava um grande público por terra e por mar para reverenciar o padroeiro dos pescadores. Não sei se a procissão é mais antiga do que a **Igreja de São Pedro** que, em **1942**, teve o templo inaugurado, mas o seu objetivo foi muito mais do que a elevação de um orago ao santo protetor dos pescadores e das viúvas. Segundo a **Carta Aberta** do **Padre Manuel Henriques**, a justificativa da construção da Igreja de São Pedro tinha um componente social e político de, notadamente, levar o catecismo católico a uma área carente, além do “combate ao comunismo” de então. Por outro lado, aproveitamos a data para destacar alguns aspectos cronológicos que se relacionam com a data e com os pescadores de Camocim:

29 de junho de 1942 - Inauguração da Igreja de São Pedro pelo Padre Inácio Nogueira Magalhães. A obra foi iniciada pelo Padre Manoel Henriques. Fonte: 1º Livro de Tombo da Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes. 1904-1930. Camocim-CE, p. 33).

Na etapa de construção iniciada pelo Padre Manoel Henriques, ele dirigiu carta aberta a comerciantes e povo em geral de Camocim, pedindo ajuda para a construção do templo católico. Recuperamos uma dessas cartas dirigidas ao **Sr. F. Menescal Carneiro**.

Camocim, Setembro de 1938.

Ilmo. Sr. Francisco Menescal Carneiro

ATTENCIOSAS SAUDAÇÕES

Estando a nossa cidade a reclamar imensamente a construção de mais um templo para atender as suas necessidades não somente espirituais e morais indispensáveis ao seu desenvolvimento, mas, também, sociais e patrióticas, firmado na protecção divina que jamais feliou aos que nella confiam, esperamos que a edificação desse templo, sob a invocação de S. Pedro, se erguerá dentro em breve, pois estamos trabalhando com esforço para essa benéfica realidade.

A edificação da Igreja de S. Pedro objectiva não somente supprir uma grande lacuna que estava a reclamar sensível e insistentemente a nossa vida de cidade catholica, de uma população que já orça por uns oito mil habitantes, mas, localizada como fica, no centro dos seus bairros mais populosos, visa igualmente uma obra de apostolado e acção catholica, entre o nosso meio operario, approximar de suas habitações os beneficios salutares da Igreja, afim de que possuum consciencia e ideal christão, para, em tempo, se premunirem contra a calamidade do communismo, apregoaia, fascinantemente, pelas organizações inimigas; visa effectivamente, uma obra de renovação e reforma nos costumes, na parte menos assistida espiritualmente e mais abandonada da cidade, que está, por isso mesmo, sendo infestada de perniciosas missões protestantes, de insidiosa infiltração aggre-americana, que, observando as nossas posições mais fracas e contando com a tolerancia de nossos governos, procuram, aqui e alhures, em nosso paiz, assentar os seus indesejaveis arraaes de dissolução e campanha contra o que temos de mais sagrado e precioso que é a nossa religião—a estrutura nacional, implantando a scisão religiosa e cavando com ella a nefasta divisão e a intriga entre os brasileiros, desfazendo a unidade e a segurança da nação, trazendo, assim a desintegração e a morte da nacionalidade e da patria, —e por isso, taes missões devem ser por nós unanimente repellidos, pelo emprego dos meios devidamente efficientes e infallíveis.

Os inimigos da nossa religião e nossa patria não dormem! Não nos emblemos, pois, no sonho de que uma e outra possam conservar a sua autonomia sem uma defesa, em toda linha, de seus filhos.

Amparar-se a construção desse templo é trabalhar pelo levantamento patrio, pela defesa e vitalidade de nossas tradições de honra e de fé que nos modelaram a phisicnomia da nacionalidade. E' auxiliar a Igreja na sua missão nacionalizadora. E por essa lamentavel e utilissima realização, de effectos salutarissimos, devem particularmente interessar-se todos os camocimenses que militam em seu municipio ou fóra dello, todos os nossos compatriotas que, por nobreza de sentimentos, solidarizam-se connosco nos empreendimentos constructivos da vida catholica e social do Paiz. Pensar a agir differentemente é não ter sentimento nacionalista e patriótico. E' desfigurar a phisicnomia de brasileiro e não revelar verdadeiro espirito christão.

O amor á Igreja e á grande patria testemunha-se pugnando pelo bem religioso da parochia, onde nascemos ou moramos, e pelo soerguimento de nossa pequena patria regional.

Confiado, pois, nos sentimentos altamente generosos de V. S. e na sua compreensão de uma necessidade tão premente e de tão justa causa, vimos com o maior encorajamento, pedir a V. S. o maior auxilio que lhe for possível dar para essa obra de interesse de Deus e da patria.

Convicto da elevação de sua fé animada do mais perfeito patriotismo, temos por certo que está ha de merecer de V. S. o mais fidalgo e generoso acolhimento e as sympathias de sua entente.

Antecipando, desde já, os maiores agradecimentos, com os protestos de real estima e consideração, subscrevemo-nos.

Servo e Amigo
De V. S.

Manoel Henriques

Carta Aberta. Pe. Manoel Henriques (Camocim, 1938).

Fonte: Arquivo do Blog CPH.

12 de abril de 1967 - Sanção da Lei Municipal Nº 230 de 12 de abril de 1967 pelo Prefeito Municipal de Camocim, Setembrino Fontenele Vêras que fez doação de um terreno à Rua da Praia, nesta cidade para a CEARÁ PESCA S/A – COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO, para ser utilizado no prazo de doze meses, para a construção de uma Fábrica de Gelo.

29 de março de 1973 – Criação do Curato de São Pedro na Reunião do Presbitério realizada em Tianguá.

15 de dezembro de 1994 – Aprovação do Projeto Legislativo Nº 006/94, de autoria do vereador Francisco Martins de Oliveira (Fransquim Bruno) que considera de utilidade pública a Colônia de Pescadores Z-1 de Camocim.

BOAS FESTAS.

Sábado, 12 de maio de 2018.

PORTO DE CAMOCIM NA ROTA DA LIBERDADE ES CRAVA



Vista da orla camocinense (2018).

Foto: Meu Camocim.

A história da escravidão em nosso município ainda é um campo a ser bastante pesquisado, mesmo porque, nessa condição administrativa, **Camocim** passou pouco tempo no regime que ainda mancha a história do Brasil. No entanto, como distrito de **Granja**, nosso porto é muito mais antigo e, com certeza, o trabalho escravo era usado nas suas atividades características.

No entanto, há que se dizer também do protagonismo da **Província do Ceará** na libertação dos escravizados realizada em **25 de**

março de 1884, quatro anos antes da data magna de **13 de maio de 1888** com a **Lei Áurea** que extinguiu a escravidão no Brasil.

Deste modo, é preciso dizer também que antes mesmo destas datas, havia, no país, duas grandes redes de contatos entre abolicionistas que facilitavam a fuga de escravizados para territórios livres, como a então Província do Ceará. Assim como nos **Estados Unidos** existia a “**Railroad Underground**”, que utilizava as ferrovias para proporcionar um caminho de liberdade para a população escrava, no **Brasil** existiram dois grandes “Undergrounds” - o do **Rio de Janeiro** e o de **Pernambuco**, utilizando os portos da costa brasileira e de países vizinhos.

É aí que entramos na história. Em recente trabalho organizado pelos professores Daniel Aarão Reis, Ivana Stolze Lima, Keila Grinberg, intitulado **Instituições nefandas: o fim da escravidão e da servidão no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia**, ficamos sabendo que o **Porto de Camocim** foi rota desses esforços de se libertar os escravizados, mesmo depois da abolição. Vejamos um trecho:

Feita a abolição, com a grande vitória do 13 de Maio, não fazia mais sentido manter os segredos da clandestinidade abolicionista. No final da passeata, que durou horas, subiu ao palanque o orador oficial do Club do Cupim, Dr. Fernando de Castro, e pronunciou uma emocionada e reveladora homenagem de despedida aos “portos gloriosos que recebiam os huguenotes” (isto é, escravos fugidos na linguagem secreta do Underground Pernambuco). A relação dos portos acompanha a rede nacional de telégrafos e impressiona ainda hoje. O Underground pernambucano mantinha contatos operacionais com os portos de Fortaleza, Aracati e Camocim, na província do Ceará; Mossoró, Macau, Natal e Macaíba, na província do Rio Grande do Norte; porto de Belém, na província do Pará; porto de Manaus, na província do Amazonas; porto do Rio de Janeiro, na capital do Império; porto do Rio Grande do Sul; e, finalmente,

porto de Montevideu, capital da República do Uruguai. (p. 345-6).

A escravidão foi uma chaga em nossa história, história esta que, com o tempo, vem sendo revelada para o conhecimento de todos, e supera em muito datas, fatos e heróis.

Fonte: Instituições nefandas [recurso eletrônico]: o fim da escravidão e da servidão no Brasil, nos Estados Unidos e na Rússia / organizadores Ivana Stolze Lima, Keila Grinberg, Daniel Aarão Reis. – Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018.

Quarta-feira, 28 de março de 2018.

NOVENTA ANOS DO COMUNISMO EM CAMOCIM



Imagem de capa do PC do B na rede social Facebook (Camocim-CE, 2018).

Como se sabe, o **Partido Comunista do Brasil (PCB)** foi fundado no Brasil em **25 de março de 1922**, “ganhando projeção, não apenas como um partido institucional que pautava sua existência para a disputa eleitoral, mas porque procurava manter-se vinculado aos movimentos sociais que emergiam no período”, na esteira dos eventos da **Revolução Russa de 1917**. Segundo os historiadores Ramsés Eduardo Pinheiro de Moraes Sousa e José Maurício M. dos Santos (2014):

O partido foi fundado no contexto da Primeira República, onde a política brasileira era hegemonizada pelo pacto político entre as elites mineiras e paulistas, muito embora estivessem ocorrendo mudanças econômicas e sociais no país. Após de sua fundação, o PCB começou a se estruturar pelas várias regiões do país, e logo surgiu em algumas cidades da região nordeste. Em 1927, o Partido é fundado no Ceará e consegue penetrar pelo interior do Estado, se consolidando em algumas cidades importantes, como Camocim (onde foi fundado em 1928), cidade comercial localizada no litoral norte do Ceará a 126 quilômetros da cidade de Parnaíba no Piauí. (SANTOS, 2011).

Não sabemos a data precisa da fundação do **PCB** em **Camocim** em **1928**, mas, levando-se em conta uma tradição forte na agremiação comunista em simbolizar o dia 25 de Março para fundar as células do partido, como aconteceu em 25 de março de 1949 em **Uruoca**, acredito que deva ter sido em 25 de março de 1928, a data em que **Francisco Theodoro Rodrigues** (Chico Teodoro), **Pedro Teixeira de Oliveira** (Pedro Rufino), **João Farias de Sousa** (Caboclinho Farias), **Sotero Lopes**, **Raimundo Ferreira de Sousa** (Raimundo Vermelho), **Joaquim Manso**, dentre outros, fundaram o Comitê Municipal do PCB em Camocim.

O PCB em Camocim, como já disse em outras postagens e livros, teve uma boa acolhida no seio operário da cidade, mas também muita perseguição política, desde os anos **1930** (Ditadura Vargas) até o fim da ditadura civil-militar em 1985, onde se escreveu uma página de dor que dilacerou muitas famílias, cujos chefes aderiram ao “credo vermelho”, citados acima, além de outros como **Chico Ricardo**.

Após a redemocratização, o partido ressurgiu ainda como PCB, concorrendo às eleições de **1988** com o motorista **Haroldo Carvalho de Oliveira**, neto de Pedro Rufino. A partir das eleições seguintes, o PCB se tornou **PCdoB**. Hoje, o PC do B tem dois representantes na **Câmara Municipal**, os vereadores **Oliveira da Pesqueira** e **James do Peixe**.

Fontes: “VELHOS CAMARADAS”: contribuição inicial à história do Partido Comunista Brasileiro no Piauí (1932- 1964) RAMSÉS EDUARDO PINHEIRO DE MORAIS, JOSÉ MAURICIO MOREIRA DOS SANTOS.

SANTOS, Carlos Augusto P. dos Santos. Cidade Vermelha: a militância comunista nos espaços do trabalho. Camocim-CE. (1927-1950). Fortaleza: UFC/BNB/TRT-CE, 2007.

Terça-feira, 13 de março de 2018

SABÃO LONDRES. MADE IN CAMOCIM



Anúncio do “Sabão Londres” no jornal A Lucta (Sobral-CE, 1920, Edição 314, p. 2).

Em postagem de 03 de outubro de 2013, já havíamos falado do **Sabão Londres** como um produto da fábrica de **Sabão Stella**, ou **SABOARIA STELLA**, que havia em **Camocim**, de propriedade do italiano **João Baptista Gizzi**. A referida fábrica funcionava na **Rua 24 de maio**, onde hoje está instalada a **Farmácia São Paulo** e se estendia até onde fica o **Mercantil do Nilo**, mais ou menos.

Hoje, trazemos o anúncio do referido sabão, publicado no jornal sobralense **A Lucta**, no ano de **1920**. Além do anúncio, um texto abaixo, como se fosse um diálogo entre dois coronéis comadres, no qual um exalta o tal sabão Londres “que é mesmo um sabonete, e tanto serve para uma cousa, como para outra”.

O texto ainda destaca o empreendimento como um marco no comércio local, produzindo sabões de qualidade superior aos vindos de fora.

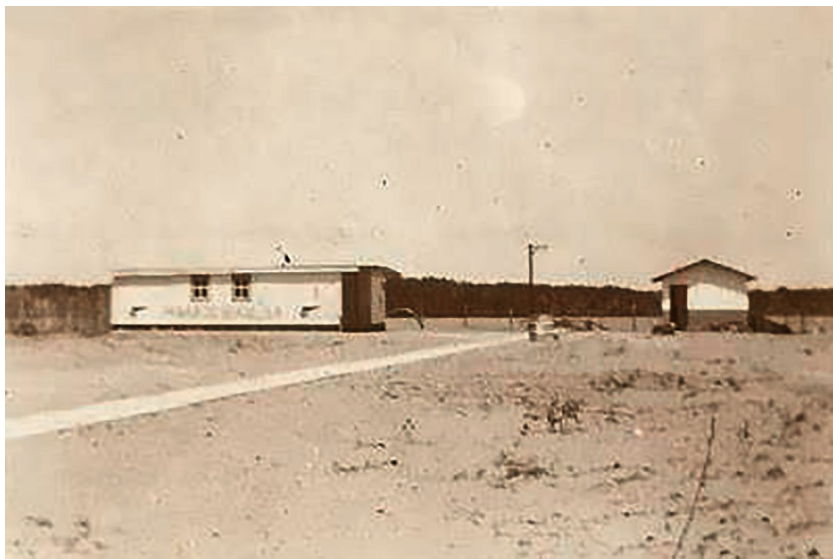
Ao se despedir, um dos compadres ressalta que:

[...] falta meia hora para o almoço e vou comprar um sabão 'LONDRES' e vou tomar um belo banho e dizer em casa que experimente o sabão 'MAGESTADE', porque o sabão 'Stella' já conhecemos de perto, é uma beleza. olha compadre, está discotido (sic) que devemos mesmo só gastar as marcas de sabão da 'SABOARIA STELLA'. Fabricado por GIZZI & CIA", em Camocim.

Por outro lado, o fato de o anúncio trazer no seu topo um apelo às "Senhoritas Sobralenses", pressupõe-se que este produto parecia ser mais elaborado, próprio para o uso feminino, vendido em tablets e ser o "sabão da moda".

Terça-feira, 27 de fevereiro de 2018.

O AEROPORTO DA PANAIR EM CAMOCIM



Instalações do Aeroporto da Panair em Camocim (1937).

Fonte: acervo: Raimundo Wilson.

Na postagem de hoje, apresentamos as instalações de alvenaria do **Aeroporto da Panair, em Camocim**. Com o intenso movimento de hidroaviões e Camocim sendo escala nas viagens e ponto de reabastecimento, fez-se necessário dotar o local com uma estrutura adequada. Deste modo, foram instaladas uma torre de rádio, bombas de gasolina (ainda não era usado o querosene de aviação), dentre outras que mostraremos em postagens posteriores. Segundo as informações do **Sr. Raimundo Wilson**, filho do **Sr. Duarte Moraes**, um dos funcionários da Panair (já mostrado na postagem anterior):

É possível que a construção tenha se iniciado em agosto de 1937, e que meu pai e o Geraldo

Gomes tenham sido os 2 primeiros funcionários da Companhia em Camocim. Antes disso, quem representava a Panair era uma firma chamada **Albuquerque & Cia.**

Na foto acima, vê-se duas construções que podem ter sido uma sala para acolher passageiros em trânsito, enquanto os aviões eram reabastecidos e uma casa para funcionários. Ao fundo o “flutuante” de concreto e o **Rio Coreaú** que, nas fotos fornecidas, o **Sr. Duarte Moraes**, o funcionário da época, identificou como *rio Camocim*.

Domingo, 21 de janeiro de 2018.

A PANAIR EM CAMOCIM



Sr. Duarte Moraes na ponte da Panair (Camocim, 1937).

Fonte: acervo de Raimundo Wilson.

A história da aviação cearense passa por **Camocim**, notadamente pela presença das companhias aéreas e pelo fato de a cidade ter sido, por um longo tempo, um ponto de abastecimento de aeronaves rumo à **Europa**. Nesta perspectiva, a **PANAIR do Brasil** criou um padrão de instalações para melhor receber os hidroaviões e passageiros, inspirados no padrão de construção tipicamente americanos, preferencialmente localizados próximos de cais, rio ou mar. As instalações da PANAIR, em Camocim, erguidas em 1931, segundo postagem publicada no blog em 2016, seguia esse modelo: porto, rio **Coreaú**, base econômica em expansão por ferrovia, exportação, demanda de passageiros para transporte aéreo, etc.

A foto acima nos foi enviada pelo leitor **Raimundo Wilson**, cujo pai, o **Sr. Duarte Moraes**, foi funcionário da PANAIR em 1937. Neste ano, Camocim fazia parte da rota **Rio de Janeiro / Belém**, da Panair, com voos regulares, que pretendia expandir as rotas, mas com a guerra em 1939, a criação de uma base americana em Amapá mudou os planos da Companhia.

Fontes: acervo Raimundo Wilson/ Camocim Pote de Histórias.

Terça-feira, 12 de dezembro de 2017.

A GREVE DOS FERROVIÁRIOS DE CAMOCIM EM 1914



Jornal "A Lucta" (Sobral-CE, 07 maio 1914).

Uma pesquisa nunca termina. Um texto nunca fica pronto definitivamente. Os fatos históricos nunca são estanques no tempo. Em 2000, escrevi sobre a **Greve de 1914** ocorrida em **Camocim**, na **Estrada de Ferro de Sobral**, naquela época, arrendada pelos **ingleses**, fundamentado naquilo que o jornalista **Lustosa da Costa** escreveu no **Diário do Nordeste** em **04/09/1996** em sua coluna diária, sob o tópico "Greve", no livro **Cidade Vermelha**:

Os ferroviários, antes da fundação do **Partido Comunista** em Camocim em **1928**, já tinham experimentado uma greve em 1914, contra a arrendatária inglesa da Estrada de Ferro de Sobral -**The South American Railway Construction Limited** que pretendia pagar somente três dias pelo trabalho de uma semana. A greve é vencedora e o pagamento integral restabelecido. Neste episódio, podem estar as condições que iriam gerar no seio da categoria dos ferroviários uma consciência de luta por seus direitos, que brotariam em outros momentos onde as relações de trabalho na ferrovia se tornavam adversas».

Com efeito, um jornal da época, editado em **Sobral**, denominado «**A Lucta**», na edição de **07 de maio de 1914**, esclarece melhor o conflito:

Tendo o administrador da estrada de ferro resumido para dois dias na semana, o trabalho nas officinas e suas dependencias, o operariado em numero de 75, se manifestou em greve pacifica, exigindo trabalho para a semana inteira. Hontem, por intermedeio do fiscal dr. Propercio Balieiro, que muito trabalhou em favor dos grevistas, conseguiu o trabalho para 4 dias na semana, solução esta aceita pelos operarios que já voltaram ao serviço.

Por esse motivo, houve hontem à noite, uma concorrida passeata, acompanhada por uma banda de musica, sendo erguido muitos vivas ao dr. Balieiro e o operariado camocinense.

Hoje às 9 horas da noite, um filho de Raymundo Gomes, phaloreiro da barra, e outros, aggrederam o sr. Julio Morel, socio da importante firma desta praça, Albuquerque & Comp. esse cavalheiro, para atemorizar os seus agressores, saccou de um revolver, disparando-o para o ar. Por esse motivo foi o sr. Morel preso e recolhido ao quartel da força federal, aqui estacionada, em quanto os aggreedores nada sofreram porque gosam da immuidade da intervensão. 6-4=914. (manteve-se a grafia da época).

Percebemos dois aspectos com a nota do jornal: a ideia de amenidade no conflito resolvida pelo fiscal, não se configurando com a típica “semana inglesa” de trabalho, posto que a ideia dos arrendatários era diminuir o tempo de serviço, e, conseqüentemente os salários dos operários, além de se criticar o momento político sob a responsabilidade do interventor de plantão, defendendo-se um comerciante.

Por essas e por outras é que a história precisa sempre ser reescrita.

Sábado, 21 de outubro de 2017.

A SECA DE 1958 EM CAMOCIM



O Presidente Juscelino Kubitschek recebe em audiência o Prefeito de Camocim, Murilo Aguiar (1958).

Fonte: SIAN.

O sábado nascera inclemente. No céu, nenhuma nuvem que pudesse confirmar a crença que o dia consagrado a **São José** fosse a última esperança de chuva. Assim, o **dia 29 de março de 1958** confirmaria mais uma estiagem, de uma das secas mais terríveis que a população cearense já sofreu, lembrada pela historiografia e a memória popular.

Em **Camocim**, naquele dia, os vereadores foram convocados para uma **Sessão Extraordinária na Câmara Municipal**, convocada pelo então Presidente da Casa, vereador **José Maria**

Parente Viana. Naquela oportunidade foi lida a seguinte mensagem do Poder Executivo:

Mensagem Nº 02/58, datada de 24/3/58, de autoria do Snr. Prefeito Municipal, Murilo Rocha Aguiar, solicitando à Câmara, licença de 60 dias, para se ausentar deste município e « se o caso exigir, viajar até a Capital da república onde tratará mais de perto das providências a serem adotadas». Para evitar as consequências da seca. Aprovado por unanimidade. (2ª Sessão Extraordinária de 29 de março de 1958).

Dois dias depois, a Câmara Municipal se reuniria extraordinariamente mais uma vez, onde ficou registrado o apelo do então vereador **Gregório Francisco Alexandrino**, líder da região do “outro lado” do rio Coreáú, assim registrado nas atas:

Vereador Gregório Francisco Alexandrino levou ao conhecimento desta Casa a situação do povo de sua região pela estiagem das chuvas, o que tem causado a retirada de grande número de famílias, no maior flagelo, e assim vem apelar para esta egrégia casa, para tomar consideração e seu apelo e passar telegramas para as autoridades competentes, pedindo auxílio necessário para que venha minorar tal situação. (Os telegramas foram expedidos). (5ª Sessão Extraordinária de 31 de março de 1958).

Além destas referências nos documentos do **Poder Legislativo de Camocim**, outros foram produzidos e hoje podem ser acessados na base de dados do **Arquivo Nacional**, como o registro da audiência em que o **Presidente da República Juscelino Kubitschek** recebe, em audiência no **Palácio do Catete**, o prefeito de Camocim, **Murilo Rocha Aguiar** (Na foto, da esquerda para a direita, Murilo Aguiar, 2º e JK, o 4º).

Apesar de a seca repelir e atrair contingentes populacionais, Camocim, por sua posição geográfica, acabou por receber mais do que exportar flagelados. Destes entendimentos governamentais, algumas obras vieram para o município, como o **sistema de abastecimento de água** e a construção do **cais do porto**, finalizados já no início da década de **1960**.

Ressalte-se, contudo, que o problema da convivência com a seca em nosso semiárido é uma questão secular que, ainda hoje, se arrasta sem um planejamento adequado às adversidades climáticas. Hoje, por exemplo, vivemos em pleno período de estiagem, no dia em que o **Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS)**, criado com o nome de **Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS)** através do **Decreto 7.619, de 21 de outubro de 1909**, completa 108 anos de criação. Será que os nossos governantes querem mesmo resolver o problema?

Fontes: SIAN - Arquivo Nacional. <http://www2.dnocs.gov.br/historia>
Câmara Municipal de Camocim. 3º Livro de Atas.

Quarta-feira, 13 de setembro de 2017.

O CENTENÁRIO DA MATRIZ DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES



Fonte: acervo do blog CPH.

Uma das instituições camocinenses mais antigas na cidade é a **Igreja Matriz de Bom Jesus dos Navegantes**. Segundo a historiadora **Célia Santos**, em recente trabalho defendido no Curso de História da UVA, intitulado «E ERGUEU-SE UM TEMPLO A BOM JESUS: A ESCRITA DA HISTÓRIA SOB A ÓTICA RELIGIOSA EM CAMOCIM-CE (1905-1917)», a edificação da antiga

capela é de 1880, portanto, um ano após a nossa emancipação política. A obra foi retomada em 1905. Sobre a antiga capela, ela nos diz:

A primeira planta foi criada pelo Dr. Engenheiro Privat, em 1880, que foi o primeiro Diretor das obras da Estação Ferroviária de Sobral, e as obras que deram início neste mesmo ano, foram concluídas em 1882, sendo feita a capela-mor sob direção de Dr. Beltrão Pereira, que conseguiu levantar a faixada da frente, arcadas e paredes laterais da nave principal da futura matriz. (p.24).

No entanto, em **11 de abril de 1909**, a edificação ruiu. No Livro de Tombo, o então **Padre José Augusto da Silva** escreveu sobre o desmoronamento:

Aos onze de Abril, porém, uma surpresa para toda a cidade, foi o desabamento completo da Igreja. Isto é, primeiramente um lado e após seis dias o outro. Tudo fora destruído em poucos minutos; o trabalho de muitos ficara reduzido a um montão de ruínas intransponíveis. À exceção da torre, tudo mais era entulho que impedia passagem para a capella que servia de igreja. Fui obrigado a mudar a entrada para os fundos da capella. Toda comunicação era feita pela sacristhia. Uma verdadeira catástrofe fora o desabamento da igreja. O povo em geral perdera a esperança de ver uma igreja tão cedo.

Já no ano de 1910, as obras foram retomadas, tendo uma paralisação nos trabalhos por ocasião da grande seca de 1915, quando as atenções da paróquia se voltaram para minorar os sofrimentos dos retirantes que chegavam à **Camocim**. Com muito esforço, no ano de 1917, foi feita a “benção principal da Igreja, na qual se fez presente, na cidade, o Exm. Sr. Bispo Diocesano **Dom José Tupinambá da Frota**.

Recorrendo mais uma vez ao Livro de Tombo, assim foi narrada “pelo pároco José Augusto, a visita de Dom. José a Camocim, a fim de benzer a imagem de Bom Jesus dos Navegantes, [...] A trinta de Dezembro de 1917 o E^{xmo.} S^{re} José dignou-se vir a esta cidade especialmente para benzer a imagem do Senhor Bom Jesus dos Navegantes, offerta do C^{d.} Jose Adonias de Araujo, a matriz”.

Em **30 de dezembro de 2017**, portanto, a nossa Matriz completará um século. O trabalho da historiadora é mais completo e interessante do que estas poucas informações que recolho. Seria interessante que a **Paróquia de Bom Jesus dos Navegantes**, através da **Diocese de Tianguá**, pudesse viabilizar a publicação deste trabalho, para que os católicos camocinenses pudessem saber mais sobre a história do seu templo.

Sábado, 10 de junho de 2017.

A EDUCAÇÃO EM CAMOCIM - PRIMEIRA DÉCADA DO SÉC. XX

[illegible]

Relação de Escolas de Camocim.

Fonte: Annuario Almanack Laemmert, p. 268.

No início do século XX, o acesso à educação no Brasil ainda era muito limitado para o conjunto da população. Talvez por isso, pouco era também o número de escolas e professores. Não muito

distante deste tempo, até por volta dos anos 1970, era corriqueiro primeiro se estudar numa “escola”, que funcionava na casa do professor (a), onde se aprendia o “alfabeto” e, só depois, ingressava-se numa escola propriamente dita.

No município de **Camocim**, os dados de **1909**, mostra essa realidade. Existiam, naquela época, algumas **escolas particulares e municipais** de instrução primária, como por exemplo:

“ESCOLAS PARTICULARES:

Instrução Primaria

Sexo masculino:

Professor: Francisco Menescal Carneiro. nocturna.

Mixtas:

Angela Ferreira Colyer

D. Eustachia Aragão

D. Francelina de Castro Fialho

D. Urbina Gondim Barbosa

ESCOLAS MUNICIPAES

Instrução Primaria

Instituto Municipal Camociense

Professor: Raul Rocha”

Existiam ainda escolas nas povoações de Almas, Barroquinha, Guriú e Araras, que eram fiscalizadas pelo Presidente da Câmara, àquela época, Poder Executivo. Além da instrução primária, havia ainda outras escolas públicas, destinadas aos sexos feminino, masculino e mistas:

“Escolas públicas:

Sexo masculino:D. Maria Carolina Brandão Cela.

Sexo feminino: D. Heraclia Theodora de Sá Callado.

Ainda segundo o documento analisado, existia uma escola particular como o nome:

“COLLÉGIO JOSÉ DE ALENCAR

Director: José Telles de Sousa”.

O Conselho Escolar do município era formado por:

“Severiano José de Carvalho - presidente

Julio Cícero Monteiro

José Joaquim de Oliveira Praxedes

Antonio Sampaio Torres

José Maximiano Brasil”.

Terça-feira, 11 de abril de 2017.

CAMOCIM NAS TESES ACADÊMICAS - AS DRAMISTAS DO GURIÚ



Dramistas do Guriú. Foto ilustrativa do artigo “Arte de viver de narradoras de outro Javé chamado Guriú” (Glória Freitas, 2011).

Conheci a Profa. Maria da Glória Feitosa Freitas, em 1995, quando ela lecionava no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, Campus de Camocim. Desde que chegou em Camocim, procurou um objeto de estudo que desse prosseguimento aos seus estudos acadêmicos. Especialista em Metodologia da Compreensão Existencial na UFC, com o trabalho “*Jogos Infantis e Vivências de Sala de Aula: Uma tentativa de integração nas Comunidades de Caetanos, Sabiaguaba e Baixa Grande*” (1991) e Mestra em Educação pela USP com a dissertação “*Da Psico(bio)logia do jogo infantil ao desejo de fazer de conta que é adulto - Um estudo sobre o brincar infantil*” (1999), desde 1996, iniciou uma pesquisa que durou dez anos e redundou com a obtenção de título de Doutorado em Educação Brasileira na UFC

com a tese. «*Vidas juntas fabricando palcos - um jeito nômade de aprender de dramistas*» (2006).

O trabalho traz as memórias e vivências de um grupo de 50 memorialistas da Comunidade do Assentamento Rural do Guriú, município de Camocim, composto homens tocadores, de mulheres dramistas e aprendizes. Este movimento de dramas cantados, segundo a autora, durou mais de 60 anos e interliga "antigas e atuais brincantes de dramas cantados em Guriú, localizado no Litoral Oeste do Ceará". A pesquisa "amparou-se na escolha metodológica de percorrer a trajetória de existência dos dramas cantados de Guriú, através da memória de suas dramistas (Histórias orais) ou de observação direta de espetáculos ou ensaios". Atualmente, Maria da Glória Feitosa Freitas é Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA/ Imperatriz).

Sábado, 14 de janeiro de 2017.

CAMOCIM TERRA DO SAL



Anúncio da firma “Alfredo Coelho” (camocim, 1940).

Fonte: Almanaque Laemmert.

O sal foi um dos produtos importantes da economia camocinense. A extração de sal remonta às primeiras incursões de navegantes em busca de riquezas, como os holandeses, franceses e, posteriormente, portugueses. A região do Rio da Cruz, Camocim ou Coreau, como queiram, aparece na historiografia como tendo significativo potencial de exploração comercial.

Com o tempo, notadamente com a conjugação das atividades do porto e da ferrovia, o produto tomou impulso, responsável pela abertura de várias salinas e casas comerciais exportadoras, como a que mostra o anúncio acima da firma comercial “Alfredo Coelho”,

publicado na edição de 1940 do *Almanaque Laemmert*, de circulação nacional.

Além do anúncio em destaque, o referido almanaque traz ainda a relação de outros comerciantes e suas respectivas salinas, como descrito abaixo:

“SAL (Exportadores de):
Aimorés, de Benício Santos.
“São Pedro”, de Alfredo Coelho.
Ilha da Volta, de João Baptista da Ponte
João da Silva Ramos & Cia.
Poranga, de Massilon Saboya de Albuquerque
Salgadinho, de Manoel Pinto Soares Brandão (Herdeiros).
São Francisco, de Irmão Xavier e Cia. Ltda.
Trindade, de M. A. Morel Pinto”.

Atualmente, a atividade salineira é muito diminuta, mas ainda resistem algumas salinas como o Sal Trindade, por exemplo.

Fonte: Almanaque Laemmert. 1940.

Terça-feira, 29 de novembro de 2016.

PORTO DE CAMOCIM - A CONSTRUÇÃO DO CAIS



Solenidade de lançamento da pedra fundamental do Cais do Porto de Camocim (setembro de 1959).

Fonte: AVAP. FGV/CPDOC.

Desde os tempos imperiais que o **Porto de Camocim** é objeto de discussão nos jornais e relatórios governamentais. Situações como o alfandegamento, as dragagens e aparelhamento do local são constantes nestes papéis. No entanto, a execução de tais obras se arrastou com o tempo, merecendo apenas paliativos. Para termos uma ideia dessa morosidade, desde os anos 1930 que essas melhorias eram prometidas pelos sucessivos governos federais, visto que a obra seria de responsabilidade da **União**. Da **Ditadura Vargas**, ficaram os estudos de viabilidade e algumas tentativas de dragagem. Com a vinda do candidato a Presidente da República **Juscelino Kubitschek**, as promessas foram renovadas.

Com efeito, já no final de seu governo, foi lançada a pedra fundamental da construção do Cais do Porto, como mostram as fotografias (inéditas no blog) do Acervo de **Alzira Vargas do Amaral Peixoto**, filha de **Getúlio Vargas** e esposa do então Ministro de Viação e Obras Públicas, **Ernani do Amaral Peixoto**. Em 1959, o então ministro fez uma visita ao Ceará, onde inaugurou obras, lançou outras, almoçou com trabalhadores e beijou crianças. No Ceará, ele esteve em Fortaleza, inaugurando melhorias no **Porto do Mucuripe** e em Camocim, onde foi recebido com muita festa, como podemos perceber da multidão que comparece no cais com representações escolares, de trabalhadores e da sociedade civil organizada, além de políticos, como o deputado estadual **Muri-lo Rocha Aguiar** (foto abaixo, em primeiro plano, o quinto da esquerda para a direita, careca, de terno preto).



Ministro da Obras e Viação Pública, Ernani Peixoto do Amaral (primeiro da esquerda para a direita, de óculos e terno branco). Solenidade de lançamento da pedra fundamental do Cais do Porto de Camocim (setembro de 1959).

Fonte: AVAP. FVG/CPDOC.

Apesar de ter começado em 1959, as obras do Cais do Porto de Camocim, em 1961, arrastavam-se “tartarugamente”, como assinalou o jornalista **Fernando Pessoa** no jornal *A Noite* em junho daquele ano. Segundo o articulista, o então candidato à presidente Jânio Quadros prometera, de cima de um «jeep» do **Padre Palhano**, em **Sobral**, «incentivar as obras do Porto de Camocim» por conhecer a «necessidade de atender a esses melhoramentos, por se tratar-se de um porto bem abrigado e de significação para toda a zona norte, não só do Estado do Ceará como do Piauí». Palavras jogadas ao vento! Com efeito, somente ao final deste ano, quando o Ministro da Viação e Obras Públicas era **Virgílio Távora**, guindado a esta condição quando do governo parlamentarista do Primeiro Ministro **Tancredo Neves**, foi que as obras do Porto de Camocim e Mucuripe tiveram alguma aceleração. Voltaremos ao assunto!

Fontes:

Acervo Alzira Vargas do Amaral Peixoto. FGV/CPDOC.

Jornal *A Noite*. ed., 15751, 10 de junho de 1961, p. 4.

<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/virgilio-de-morais-fernandes-tavora>

Segunda-feira, 24 de outubro de 2016.

CAMOCIM E O NOME DO SEU RIO



Trecho do Rio Coreau (Camocim).

Fonte: br.worldmapz.com

Várias postagens já foram publicadas neste blog, evidenciando a nomenclatura do nosso rio, braço do **Oceano Atlântico**, que nos comunica com o mundo exterior. Contudo, quanto mais pesquisamos, encontramos denominações diferentes. Baseado nos escritos e mapas antigos, já o chamamos de **Comecy, Camocy, Camocim, Rio da Cruz, Curyhau, Croahú**. Dizem que os índios que habitavam suas margens o chamavam de **Croahiú**, até chegarmos no nome atual de **Coreau**.

Outra denominação, no entanto, diversa das demais acima elencadas, encontramos na obra “**Vocabulario Indigena em uso na Provincia do Ceará**”, por **Paulino Nogueira**, publicado na **Revista do Instituto do Ceará - 1887**. Diz-nos o referido autor que C. Mendes, em sua obra *Memórias*, tomo 2, à página 459 em

nota acrescentada, diz que o nosso acidente geográfico mais importante já se chamou **rio de S. Cruz de S. Francisco**. Como se pode perceber, as denominações refletem a disputa da colonização da região, tendo-se vocábulos oriundos do idioma holandês, tupi e português. **Rio da Santa Cruz de São Francisco**, provavelmente foi dado por um católico português mais ardoroso.

Fonte:http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=33021&catid=433&Itemid=101

Sábado, 4 de junho de 2016.

O TUBARÃO “MONSTRO” DE CAMOCIM. HISTÓRIA DE PESCADOR?



Fonte: www.mundodosanimais.pt

A notícia correu célere, como acontece em toda cidade pequena. Lá para as bandas das **Barreiras**, pescadores arpoaram um cação de tamanho incomum. - O bicho dá mais de uma tonelada! Foi preciso mais de 20 homens para puxarem o bicho para a praia! Vixe Maria, é o fim das eras! Ele veio para comer a devassidão que acontece nesse lugar - disse uma carola mais impertinente! Enfim, uma verdadeira multidão enfrentou a areia quente que ia da **Praticagem** até ao local do ocorrido. Daquele dia até a **Festa de São José**, era só o que se falava. Como muitos acreditavam ter sido um sinal dos tempos, boa parte da carcaça do tubarão branco ficou na praia para deleite dos urubus e outros animais carnívoros. Por outro lado, a moqueca correu solta na beira da praia, servindo de refeição nas casas dos pescadores que participaram da caça e das poucas biroskas da beira mar como tira gosto da famosa cachaça “**Piojota**” da **Viçosa do Ceará**. Um viajante da capital que passava pela cidade, ciente do caso e sabedor das propriedades do

óleo de fígado de tubarão, arrematou o animal, cujo peso atingiu oitenta e cinco quilos.

Esse relato poderia ser o começo de uma crônica que retratasse mais uma “história de pescador”, dentre tantas outras que se ouve destes homens bravos que costumam aliar o fantástico às suas aventuras e suas lidas diárias para conseguir o pescado necessário para suas sobrevivências. No entanto, o fato acima foi publicado em jornal de grande circulação nacional - **A Noite**, do **Rio de Janeiro**, em **17 de março de 1939** - naqueles espaços destinados aos informes das sucursais em forma de pequenas notas em meio ao noticiário e publicidade. A pequena manchete apela um pouco para o sensacionalismo: «Arpoado um tubarão monstro». O texto, no entanto, não corresponde ao apelo da manchete: «Na praia de Camocim, foi arpoado um tubarão monstro, cujo fígado pesava 85 quilos. O local onde foi fígado o colossal monstro marinho esteve repleto de curiosos».



Fonte: Jornal “A Noite”. 17/03/1939, nº 9824, p. 11, Rio de Janeiro-RJ.

Tivesse a matéria rendido uma reportagem com alguma pesquisa adicional, o caso poderia ter um outro sentido, visto que é natural tubarões deste tamanho, especialmente da espécie **tubarão branco** ou tubarão baleia. O fato de ter sido pescado em **Camocim** pode ser explicado devido aos movimentos migratórios destes animais. Por algum motivo, o tal tubarão desgarrou e errou o caminho entrando no **Rio Coreauá**. A matéria não se refere a tal espécie, mas o tubarão branco (*Carcharodon carcharias*)

[...] pesa 1,3 tonelada em média, mas alguns podem atingir até cinco metros de comprimento. Estudos recentes mostraram que ele também é um migrador de capacidades extraordinárias. Em 2005, uma equipe internacional de pesquisadores publicou na revista 'Science' o tempo recorde marcado por um tubarão branco fêmea na travessia de ida e volta do oceano Índico. 'Nicole' percorreu mais de 20 mil quilômetros em pouco menos de nove meses.

E se o tamanho do fígado causa admiração, vale dizer que, nos tubarões, ele “pode representar até 28% do peso total do corpo e constitui uma enorme reserva de energia. Para neutralizar o peso do animal na água, um fígado de tubarão branco de 456 kg, contendo 400 litros de óleo, pode fornecer até 50 kg de empuxo”.

Portanto, essa não é uma história de pescador como as que o **Bodó** conta lá na **Mercearia da Nazaré!**

Fonte: Jornal «A Noite». 17/03/1939. nº 9824, p. 11, Rio de Janeiro-RJ.

Fonte: <http://g1.globo.com/natureza/noticia/2013/07/grande-tubarao-branco-acumula-gordura-antes-de-migrar.html>.

Quinta-feira, 2 de junho de 2016.

TERATOLOGIA ANIMAL - A ABERRAÇÃO DE CAMOCIM



Jornal "A Manhã". Quarta-feira, 08 de março de 1950. nº 2632, p. 10 (Rio de Janeiro-RJ).

O estudo da teratologia vai da **Medicina** ao **Direito**. Trocando em miúdos, quando nos deparamos com espécimes animais com feições humanas ou vice-versa, a teratologia se preocupará com as deformações congênitas que transformaram estas criaturas em "monstros". Por outro lado, quando estamos diante de uma decisão judicial que "contraria a lógica, o bom senso e até mesmo - em

certos casos - a moralidade, na medida em que é possível conviver com o imoral e que inviabiliza as relações sociais”, estaremos diante de uma “decisão teratológica” no campo jurídico. Sou do tempo em que qualquer anormalidade física em animais e humanos, neste sentido apontada acima, era “castigo de Deus”. Lembro-me que um parente nosso no Piauí nasceu com alguns pelos pubianos já crescidos - foi um Deus nos acuda com as diversas interpretações dadas ao caso, que não vem ao caso agora contar.

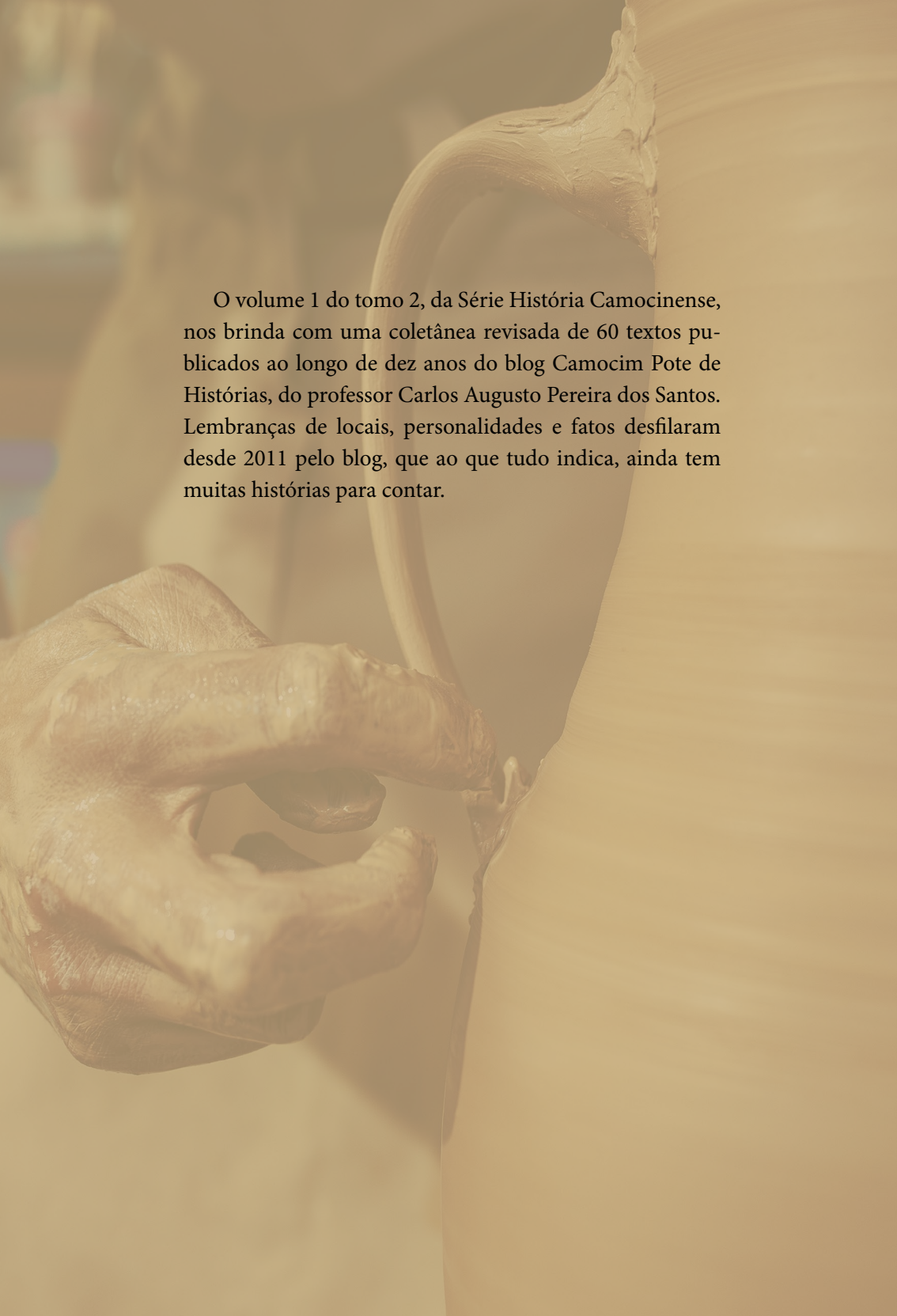
Todo este preâmbulo é para contextualizar uma pequena nota publicada no jornal *A Manhã* do **Rio de Janeiro** em 08 de março de 1950, dando conta do nascimento de um suíno com características de homem, elefante e macaco em **Camocim**. Se o leitor quiser visualizar várias destas criaturas, basta acessar o **YouTube** e verá casos em todo o mundo. Segundo ainda a nota, o dono do animal quis eliminar todo o resto da prole suína por entender que o fenômeno seria «um castigo do céu contra os crimes morais que avassalam o mundo...»

Para futuras pesquisas, resta saber quem seria este proprietário, como a cidade recebeu a notícia, qual a repercussão do caso, dentre outras perguntas.

Fonte: <http://juris-web.blogspot.com.br/2013/04/teratologico-no-sentido-juridico.html> **Fonte:** Jornal «A Manhã». Quarta-feira, 08 de março de 1950. Nº 2632, p. 10. Rio de Janeiro-RJ



Este livro foi composto em fonte Minion Pro,
em e-book formato pdf, com 146 páginas
Setembro de 2021



O volume 1 do tomo 2, da Série História Camocinense, nos brinda com uma coletânea revisada de 60 textos publicados ao longo de dez anos do blog Camocim Pote de Histórias, do professor Carlos Augusto Pereira dos Santos. Lembranças de locais, personalidades e fatos desfilaram desde 2011 pelo blog, que ao que tudo indica, ainda tem muitas histórias para contar.